

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIA TEREZA AOKI

DOIS MUNDOS EM DESENCONTROS: A NARRATIVA IMAGÉTICA DE
JOAQUIM JOSÉ DE MIRANDA E O RELATÓRIO DE AFONSO BOTELHO,
SOBRE O ENCONTRO ENTRE ÍNDIOS E LUSO-BRASILEIROS NOS CAMPOS
DE GUARAPUAVA A PARTIR DE 1771

CURITIBA

2013

MARIA TEREZA AOKI

DOIS MUNDOS EM DESENCONTROS: A NARRATIVA IMAGÉTICA DE
JOAQUIM JOSÉ DE MIRANDA E O RELATÓRIO DE AFONSO BOTELHO,
SOBRE O ENCONTRO ENTRE ÍNDIOS E LUSO-BRASILEIROS NOS CAMPOS
DE GUARAPUAVA A PARTIR DE 1771

Monografia apresentada como requisito
parcial para conclusão do Curso de
Licenciatura e Bacharelado em História, do
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
da Universidade do Paraná.

Orientadora: Dr^a Martha Daisson Hameister

CURITIBA

2013

AGRADECIMENTOS

A conclusão desse trabalho, tem um significado maior do que obter um diploma universitário. É o resultado de um esforço pessoal, que começou quando eu cursava o ensino médio.

Sem dúvida para conseguir chegar ao resultado aqui apresentado contei com apoio, incentivo e paciência de minha orientadora Martha Hameister.

Agradeço também todos os meus professores da graduação, que de certa forma contribuíram para minha formação. E um especial agradecimento à Karina Belloto, Luiz Geraldo, Rosana kaminski, Carlos A. Lima que me ensinaram a gostar mais ainda de História.

Serei eternamente grata, ao professor Ricardo Cid que tão gentilmente me apresentou as estampas de Joaquim José de Miranda.

Apesar de não conhecer pessoalmente, agradeço também ao professor Lúcio Tadeu Motta, por ser o autor de uma das obras que mais me motivou a continuar pesquisando os índios Kaingang.

Agradeço aos meus amigos, Denise da Cruz, Filipe Marcel, Denise Zanini, Themis, Rosalina e Midori pelos seus inventivos.

Agradeço aos meus familiares pelo apoio. E também a minha vizinha Silvia, por me emprestar um lugar em sua casa para a conclusão da redação dessa monografia.

RESUMO

Esta pesquisa, tem por tema de estudo as expedições militares organizadas por Afonso Botelho entre 1768 – 1772, à parte meridional da capitania de São Paulo. Durante a décima expedição, luso-brasileiros e índios se encontraram nos Campos de Guarapuava. Esse encontro foi narrado por Botelho e também por Joaquim José de Miranda, em forma de trinta e nove estampas. As imagens foram encomendadas por Botelho, que buscava retomar seu prestígio junto o governo português. As estampas, apesar de terem sido feitas a partir do relato de Botelho, o artista atribuiu a elas o seu modo de ver o mundo. Para a análise, de seu conteúdo, foi necessário entendê-la em seu contexto. As questões que encaminham a discussão desse trabalho são: quais as intenções do artista; qual o papel e como as fontes produzidas durante as expedições contribuíram para a construção de um mito fundador para Guarapuava.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 1 |
| 1.As expedições militares aos sertões do Tibagi, Ivaí e Guarapuava (1768 - 1772)..... | 7 |
| 1.2Desbravando os sertões | 9 |
| 1.3 Tipos de viagens ao sertão durante o século XVIII..... | 22 |
| 1.4 A ausência dos índios na historiografia paranaense | 23 |
| 2. Dois mundos em desencontro..... | 26 |
| 2.1 As narrativas de Miranda e Botelho | 27 |
| 2.2 Considerações sobre a narrativa | 33 |
| 3. Produção iconográfica do século XVIII..... | 36 |
| Conclusão..... | 38 |
| Anexos..... | 41 |
| Bibliografia..... | 61 |

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de fazer reconhecimento e ocupar os territórios, desde 1768 inúmeras expedições militares organizadas pelo tenente-coronel Afonso Botelho de Sam Paio e Sousa exploraram a região meridional da capitania de São Paulo. Território que faz parte do atual estado do Paraná. Durante a décima expedição, em dezesseis de dezembro de 1771, nos Campos de Guarapuava, índios¹ e luso-brasileiros se encontraram. Referente a esse encontro, Botelho escreveu um relatório narrando com detalhes os acontecimentos em torno desse evento. No entanto, a partir de 1985, uma narrativa imagética, até então desconhecida, nos oferece novas visões sobre esse período. A série de trinta e nove estampas é atribuída a Joaquim José de Miranda. Narra esse primeiro contato estabelecido entre os militares da expedição e os nativos, do que ainda seria chamado de *os Campos de Guarapuava*. Essa narrativa imagética é peculiar, pois, não era comum para a América portuguesa do século XVIII. O que se conhecia até então, em termos de produção imagética, do processo de conquista, eram basicamente as produções de mapas cartográficos e desenhos arquitetônicos que serviam de auxílio para o empreendimento colonial.

Esta pesquisa, tem por objeto de estudo as narrativas, relatório e estampas, produzidas na segunda metade do século XVIII, a partir do encontro entre índios e luso-brasileiros no sertão de Guarapuava. Como objetivo, pretendemos buscar respostas às seguintes perguntas, a partir dessas duas narrativas: quais os interesses relacionados com as imagens de Joaquim José de Miranda? Qual o papel e como as fontes produzidas durante as expedições contribuíram para a construção de um mito fundador para Guarapuava?

A narrativa de Miranda, mostra desde o encontro dos cinco luso-brasileiros com

¹ A fonte desta pesquisa não denomina a população indígena desse encontro. Mas, conhecemos através da bibliografia estudada, de se tratarem dos índios Kaingang. A denominação dessa população aparecerá com mais frequência nas fontes do século XIX. Lúcio Tadeu Mota explica, que eles também foram chamados de Coroados, termo de que não gostavam, somente a partir do século XX, que esse termo cai em desuso. No diário da décima primeira expedição aparece o termo *choclan*, que se supõe serem os Xokleng, também do grande grupo linguístico Jê, assim como os Kaingang. Para saber mais em: MOTA, Lúcio Tadeu. *As guerras dos índios Kaingang*. A história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769 – 1924). Maringá: Eduem, 1994.

uma família de nativos, que recolhiam pinhão. As visitas que ambos os grupos fazem, ao alojamento do outro, até o desfecho em que sete militares são assassinados e a expedição resolve sair de Guarapuava. Essa e todas as demais estampas encontram-se em anexo. Foram pintadas em pranchas de tamanho 42,5 x 55 cm, estão enumeradas e suas legendas estão em uma página separada. Usando guache e aquarela. Percebemos assim, que a intenção do autor, era em exibi-las em forma de um livro, no qual o leitor teria fácil manuseio em acompanhar as imagens e o texto de Botelho. A estampa de número trinta e nove encontra-se desaparecida, sabemos do que se tratava porque restou a legenda.

Sobre as estampas, a Biblioteca Nacional, em nota da edição da *Notícia da Conquista*², explica que as imagens não faziam parte do acervo documental desde a sua aquisição em 1959. Elas ficaram conhecidas a partir de 1985, em um leilão em Nova York. Foram arrematadas pelo casal Beatriz e Mario Pimenta Camargo³, o qual as depositou em seu acervo particular. Nessa pesquisa, tivemos acesso apenas a versão impressa, publicada no livro *Do contato ao confronto*, para a análise desse material visual acreditamos que trabalhar apenas com o seu impresso alguns detalhes podem ter sido ignorados. Os artigos publicados nesse livro, sobre as estampas, não apresentam nenhuma informação sobre o artista, nem o motivo desse material estar por quase duzentos anos no anonimato, trazem apenas suposições.

Os poucos estudos publicados sobre essas imagens também não nos deram nenhuma pista. Lúcio Tadeu Motta,⁴ numa perspectiva da etno-história, ao escrever sobre a resistência dos Kaingang (1769 até 1924) utilizou algumas estampas de forma ilustrativa. Já a historiadora Glória Kok,⁵ no seu estudo sobre o cotidiano das expedições da capitania de São Paulo, no século XVIII, dedicou um tópico no qual

² SAMPAIO e SOUSA, Afonso Botelho de. “Notícia da Conquista e Descobrimento dos Sertões do Tibagi, na Capitania de São Paulo, no Governo do Governador e Capitão-General Dom Luis Antonio de Souza Botelho Mourão, Conforme às Ordens de Sua Majestade.” In: *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, volume 76, 1962.

³ No prefácio da edição, das estampas, Beatriz Camargo comenta: “A aquisição desse conjunto de obras atribuídas a Joaquim José de Miranda foi realizada em 1985, em concorrido leilão internacional, tendo sido, sem dúvida, uma das operações de compra que mais nos emocionou, não só pelo significado e ineditismo de seu conteúdo, mas também, e para o Brasil um conjunto de obras que talvez se dispersassem, no exterior, com o correr do tempo.” AMOROSO, Marta Rosa; et. all. (orgs). *Do Contato ao Confronto: A conquista de Guarapuava no século XVIII*. São Paulo: Expomus, 2003, p. 7.

⁴ MOTA, Lúcio Tadeu. *As guerras Op. Cit.*. Este livro é a publicação da dissertação de mestrado do autor, defendida em 1992, somente na segunda edição de 2009, o autor acrescentou duas estampas de Miranda.

⁵ KOK, Glória. *O Sertão Itinerante: expedições da Capitania de São Paulo no Século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 2004.

descreveu as imagens junto com o relatório de Botelho, mas não fez nenhuma interpretação sobre as fontes.⁶ Sendo assim, para uma análise mais completa das imagens, e para o entendimento dos interesses relacionados com as imagens foi necessário o estudo dos textos referente às expedições e sobre o encontro.

As expedições militares foram ricamente documentadas pelos seus participantes. Diários de viagens, listas de mantimentos e gastos, bandos emitidos pelo governador e cartas. Muitos desses textos foram emitidos por exigências da própria burocracia governamental. Importante lembrar que esses homens estavam a serviço da Coroa portuguesa e que da Coroa vinha boa parte de seu financiamento e matalotagem. Para atingirmos o objetivo dessa pesquisa, optamos em analisar um conjunto de textos que foram reunidos por Afonso Botelho, sobre o título de “*Notícia da Conquista, e Descobrimento dos Sertões do Tibagi, na Capitania de São Paulo, no Governo do General Dom Luis Antônio de Sousa Botelho Mourão, Conforme às Ordens de Sua Majestade.*”⁷ São eles: uma carta destinada a rainha D. Maria I; relatório das expedições ao sertões da capitania de São Paulo; legendas das estampas; um relato detalhado do encontro com os índios em 1771; e o diário da décima primeira expedição.⁸

Os relatos do encontro, entre dezembro de 1771 a janeiro 1772 foram, publicados nos *Anais da Biblioteca Nacional*, com o título de *Relação do primeiro encontro, que o tenente-coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa teve com os índios do sertão do Tibagi, nos campos de Guarapuava aos 16 e 17 de dezembro de 1771.*⁹ Junto à esse texto, a numeração das estampas são referenciadas nas suas margens, segundo a nota da edição. Ou seja, quem as desenhou fez a partir desse relato, cuja intenção era apresentar à Coroa portuguesa.

A carta de Botelho à Rainha Maria (1777- 1792), nos permite considerar que o

⁷ A edição da fonte estudada, pertence ao acervo de Manuscritos da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, depositado no fundo Arquivo de Mateus. Essa coleção foi complementada, com a aquisição de um fundo privado adquirido dos descendentes em 1968 em Portugal. A historiadora Heloísa Bellotto, considera, que esse arquivo constitui em um largo conjunto de informações sobre um governador de capitania sendo muito peculiar, principalmente por conter o diário de governo no qual descreveu suas ações e atividades durante sua estada no Brasil. BELLOTTO, Heloísa L. Prefácio. In: DAMASCENO, Darci. *Catálogo Arquivo de Mateus*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 2000, p. 17 – 18 e p. 20.

⁸ SAMPAIO e SOUSA, Afonso Botelho de. *Op. Cit.*

⁹ SAMPAIO e SOUSA, Afonso Botelho de. “Notícia *Op. Cit.* pp. 28 -48. O texto, sobre o encontro com os índios, tem duas outras versões publicadas no mesmo Anais da Biblioteca Nacional vol.76, p. 216 – 233; 251-267, optamos nessa pesquisa em utilizar o relato que faz referência as estampas. Os outros textos trazem as mesmas informações, no entanto, o narrador é diferente. Encontramos, o uso do termo *choclan* para identificar os índios, p. 267, no texto de Botelho esse termo é suprimido. Existem outras publicações dessa fonte, como por exemplo: NEGRÃO, Francisco. (ed.), *Boletim do Archivo Municipal de Curitiba volume III, IV e V*. Curitiba: Câmara Municipal 1906 a 1908.

objetivo principal de Botelho ao prestar contas de suas ações no Brasil, nas suas palavras: “O que quero é fazer ver a todos, que eficazmente desejo ser útil à minha Pátria, (...)”¹⁰ Nesse texto, ele não menciona a patente que perdeu, mas podemos inferir que um dos motivos também era a restituição de seu posto. A carta não apresenta data, por isso, consideramos a hipótese de que tenha sido escrito entre 1777 a 1778, entre o início do governo de D. Maria ao ano que Botelho recebeu sua patente de volta. Com relação ao ano de produção das estampas, também consideramos estar dentro desse período, justifica-se isso pelo fato de as legendas fazerem parte do conjunto de textos enviados à rainha. Não é possível saber se a rainha chegou a ver essas estampas. Além disso, no título das legendas ao lado do nome de Botelho consta o seguinte “(sendo ainda Tenente Coronel)”.¹¹

Percebemos assim, que a seleção dos textos em *Notícias da Conquista*, tinha a intenção de serem apresentados juntamente com as estampas de Miranda, que foram pintadas em um códice. O fato de não conhecermos o autor das imagens, nem por onde ela esteve nos instiga mais ainda em estudá-las. Entendemos, que através dessas estampas podemos conhecer o artista que as produziu. O *Relação do primeiro encontro* é um texto feito, a partir, da edição de cartas escritas por Botelho logo após os acontecimentos, em janeiro de 1772. Assim, percebemos pela tipologia da fonte a ligação entre texto e imagem, mesmo sendo de autores diferentes. Raminelli¹² e Guimarães¹³, ao estudarem as estampas produzidas durante a viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792), pelo rio Amazonas, perceberam que apesar de texto e imagem portarem conteúdos diferentes elas se complementam.¹⁴

Para nos auxiliar na leitura dessas imagens, Peter Burke nos forneceu elementos relevantes para nossa análise. Para entendermos as estampas, foi necessário conhecer o

¹⁰ *Idem*, p. 3.

¹¹ É relevante para nossa pesquisa, o fato de D. Luis, ter sido duramente criticado no fim de seu governo, por suas ações, chegando a perder sua patente ao retornar para Portugal, assim, como aconteceu com Afonso Botelho. Ambos escreveram cartas, à rainha D. Maria, a partir desses dados, entendemos que Botelho tinha motivações para reunir os relatórios das viagens junto com imagens que trazem um significado maior. BELLOTTO, Heloísa L. Prefácio. *Op. cit.*, p. 12.

¹² RAMINELLI, Ronald. Do conhecimento físico e moral dos povos: iconografia e taxionamia na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. In: *História, Ciência, Saúde. Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 969-92, 2001, p. 969 – 992.

¹³ GUIMARÃES, Nataly Nobre. *Ciência e Dominação”: A imagem do indígena amazônico pelo olhar luso-brasileiro, à luz das ciências ilustradas no viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira*. Curitiba, 2009. Monografia (Graduação em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. p. 1.

¹⁴ Essa viagem contava com dois desenhistas, José Joaquim Codina e Joaquim José Freire, o texto escrito é de autoria de Alexandre Rodrigues. RAMINELLI, Ronald. *Op. cit.*, p. 972.

seu contexto social, as circunstâncias em que elas foram encomendadas e o contexto material.¹⁵ Os textos de Botelho, nos ajudam a compreender as circunstâncias de encomenda da obra. Tais interesses por trás dela permitem-nos conhecer a pretendida função da imagem.¹⁶

Para Burke:

(...) as imagens não são nem um reflexo da realidade social nem um sistema de signos sem relação com a realidade social, mas ocupam uma variedade de posições entre estes extremos. Elas são testemunhas dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupos vêm o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação.¹⁷

O testemunho das imagens, sobre o encontro entre índios e luso-brasileiros, nos revelam aspectos que o texto escrito não nos fornece. Percebemos, que apesar das estampas terem sido produzidas a partir do relato de Botelho, o artista acrescentou a sua visão sobre o acontecimento, desenhando a partir do que entendeu. Quando texto e imagem são analisados separadamente, ambas contam uma narrativa com ênfases diferentes. O relato descreve caminhos, datas, condições do tempo, as dificuldades geográficas, e revelam os interesses coloniais naquela região. Já a narrativa de Miranda, tem o enfoque em descrever o contato e o confronto.

Ao compararmos essas duas linguagens, conseguimos, nos aproximar da intencionalidade de encomenda das estampas. O artista teve que fazer as suas escolhas, que foram apoiadas na sua visão de mundo e da proposta que recebeu. As imagens oferecem acesso aos aspectos do passado que o texto escrito não fornece. Para Burke, “as imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim a visões contemporâneas daquele mundo, (...)”¹⁸

As legendas que acompanham as estampas é uma tentativa, do autor, de controlar a interpretação de sua obra. A ênfase dada, através da representação do tenente-coronel, atua também nesse sentido.¹⁹ Comumente utilizada pelos viajantes naturalistas, a estampa é um tipo de gravura acompanhado de legenda, seu objetivo é

¹⁵ BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru: Edusc, 2004, p. 225.

¹⁶ *Idem*, p. 237.

¹⁷ *Idem*, p. 232.

¹⁸ *Idem*, p. 236.

¹⁹ *Idem*, p. 231.

apresentar a evolução do objeto observado, como por exemplo, a desenvolvimento de uma planta.²⁰

Como metodologia de análise das estampas, adotamos o que Freitas chamou de abordagem tríplice, composta pela parte formal, semântica e social. Na primeira etapa formal, propõem o isolamento metodológico, nele anotamos tudo que vimos na imagem. Para depois, compreender a sua forma lógica (semântica), e transformar as imagens em um discurso verbal no qual podemos relacioná-lo ao seu contexto social.²¹

Para a análise da narrativa de Miranda, faremos o seguinte percurso: no capítulo um, a partir da análise do relatório de Botelho sobre as expedições militares explicaremos brevemente seus objetivos e os locais percorridos por elas. Para entendermos as circunstâncias em que índios e luso-brasileiros se encontraram nos Campos de Guarapuava. No capítulo dois construiremos a narrativa das estampas de Miranda, juntamente com o relatório de Botelho. Para fazermos uma análise do seu conteúdo.

Para entendermos, o contexto de produção das imagens, dialogaremos com a produção iconográfica da viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. As aquarelas de Miranda, também diferem muito do estilo dos naturalistas formados na Universidade de Coimbra reformada (1772). Suas expedições científicas tinham por objetivos conhecer o mundo natural e seus habitantes nativos, eram guiadas por manuais com instruções para recolher, catalogar e transportar os materiais encontrados.²²

²⁰GUIMARÃES, Natally Nobre. *Op. Cit.*, p. 26.

²¹FREITAS, Artur. História e imagem artística: por uma abordagem tríplice. *Estudos Históricos* – dossiê “História e Imagem”, Rio de Janeiro, n° 34, julho-dezembro de 2004. p. 9-10.

²²PEREIRA, Magnus R. de M. E CRUZ, Ana Lúcia R. B. O viajante instruído: os manuais portugueses do Iluminismo sobre métodos de recolher, preparar, remeter, e conservar produtos naturais. In: DORÉ, Andréa. e SANTOS, Antonio C. A. *Temas setecentistas: governos e populações no Império Português*. Curitiba: UFPR-SCHLA/ Fundação Araucária, 2008, p. 244.

1. As expedições militares aos sertões do Tibagi, Ivaí e Guarapuava (1768 – 1772)

“Deus é grande, mas o mato é maior.”²³

1.1 Reestruturação da Capitania de São Paulo

As expedições militares foram estratégias criadas pela Coroa portuguesa, com o intuito de promover a descoberta e ocupação dos territórios meridionais da capitania de São Paulo, atual estado do Paraná. Fazem parte, de um conjunto de medidas adotadas pelos portugueses para defenderem suas possessões na América no século XVIII, das investidas dos espanhóis. Desde 1748, a metrópole havia subordinado a jurisdição da capitania de São Paulo ao do Rio de Janeiro, esse desmembramento levou a capitania ao ostracismo. Somente, a partir de 1765, no governo do rei D. José I (1750 - 1777) a capitania de São Paulo foi restaurada. O fidalgo português D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Mateus (1722 – 1798) recebeu o cargo de governador geral, exercido entre 1765-1775. A motivação para restauração da capitania, foi impulsionada pela invasão e perda para os castelhanos da Colônia do Sacramento²⁴ em outubro de 1762, e da Vila do Rio Grande pelos espanhóis em maio de 1763.

As ações do governador foram acompanhadas por Sebastião de Carvalho e Melo, Marques de Pombal (1750-1777), cuja uma das recomendações era que se fizesse o recenseamento da capitania. “*Explorar e descrever*” instrumento para a construção de um saber empregado na tarefa colonizadora.²⁵ Influência das idéias iluministas do século XVIII, segundo Novaes a ilustração portuguesa teve um caráter de importação das idéias do exterior, o que ele denomina de estrangeirado.²⁶ Em contraponto, o autor Maxwell²⁷ defende que em Portugal existia uma corrente de pensamento específica, na qual D. Luis da Cunha era o mais formidável representante.

²³ Ditado popular de São Paulo, no período colonial. In: KOK, Glória. *Op. cit.*, p.43.

²⁴ A Colônia do Sacramento tinha sido fundada pelos portugueses em 1680, defronte à cidade de Buenos Aires.

²⁵ SANTOS, Antônio César de Almeida. O desbravamento dos sertões da capitania de São Paulo e a presença portuguesa na porção meridional da América. In: PEREIRA, Magnus Roberto de Mello, (org.) *Plano para sustentar a posse da parte meridional da America portuguesa (1772)*. Curitiba : Aos Quatro Ventos : CEDOPE, 2003. p. 10.

²⁶ NOVAES, Fernando A. O Reformismo Ilustrado Luso-Brasileiro: alguns aspectos. *Revista Brasileira de História*. N° 7, 1984. p. 105

²⁷ MAXWEL, Kenneth. *Marquês de Pombal: Paradoxo do Iluminismo*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 p.14-15.

Na primeira metade do século XVIII, “um conjunto de idéias e discussões sobre o governo, economia e diplomacia”²⁸ faziam parte dos pensadores portugueses. Já na segunda metade do século XVIII, nota-se que muitas dessas idéias são inseridas na prática do governo. Entre 1750 a 1777 período em que o Marques de Pombal esteve no cargo de primeiro ministro, ele introduziu uma série de reformas em Portugal e suas colônias.²⁹ O principal objetivo das reformas, eram tirar Portugal do atraso econômico e do isolamento cultural que vivia na época moderna.³⁰

Para as colônias, a metrópole estabeleceu o recenseamento anual, como norma administrativa, para conhecer o número e a qualidade dos moradores. Com interesses, que visavam desde a arrecadação de tributos às de caráter militar. Homens maiores de 15 anos eram inscritos nas tropas auxiliares.³¹ D. Luis se prendeu as estratégias de cunho militar,³² promovendo a militarização da população. O governo português, entendia, que os paulistas eram os mais preparados para se explorar os sertões. Com a decadência das bandeiras na primeira metade do século XVIII e o esgotamento das minas de ouro brasileiras, a metrópole se interessava pelos paulistas.

Assim, o novo governador da capitania promoveu o alistamento de homens entre quatorze e sessenta anos para servir nas Tropas Auxiliares “*sem exceção de nobres, plebeus, brancos e mestiços*”.³³ Em 1767, havia sido organizado seis regimentos de auxiliares, quatro de infantaria, dois de cavalaria.³⁴ Além de setenta e seis companhias de ordenanças, munidas de armas de fogo e pau ferrado, no total quatro mil homens foram arregimentados.³⁵ Oficiais e soldados, com exceção dos ajudantes de sargentos-mores, teriam de ser naturais de São Paulo, ou aventureiros habituados à vida dos sertões. Observamos, no relatório de Botelho, a preocupação em identificar o local de procedência, principalmente, dos comandantes das expedições militares. Cumprindo as ordens estabelecidas pela Cora, ao destinar os cargos mais altos aos paulistas. Os comandantes das expedições recebiam patente militar, e a maioria dos componentes “voluntários” eram de “vilas e povoados já existentes e que estavam inscritos na listas

²⁸ *Idem.* p. 14.

²⁹ *Idem.* p. 1.

³⁰ NOVAES, Fernando A. *Op. cit.*, p. 105.

³¹ SANTOS, Antônio César de Almeida. *Op. Cit.*, p.9.

³² *Idem*, p.4.

³³ *Documentos interessantes*, vol. XIX, p. 87. Apud Kok, Gloria. *Op. Cit.*, p. 52.

³⁴ Kok, Gloria. *Op. Cit.*, p. 56.

³⁵ Companhia de Ordenanças são unidades militares na qual reunia a população masculina válida não alistada na tropa regular ou nas companhias de auxiliares das capitanias. Em: Kok, Gloria. *Op. Cit.*, p. 57.

dos corpos de ordenanças e tropas auxiliares.”³⁶ Também era comum conceder perdão aos presos que quisessem participar das expedições.³⁷

Com a criação das tropas auxiliares, Morgado de Mateus, queria também acabar com a disputa local de duas famílias influentes Pires e Camargo. A historiadora Glória Kok explica, que: “a militarização da capitania marcava, simultaneamente, o fim das bandeiras.”³⁸ Essa militarização, abrigou grande quantidade de vadios no exército paulista.³⁹ Sendo: “Para os despossuídos, a guerra, às vezes, também constituía oportunidade de ascensão social e de enriquecimento.”⁴⁰

1.2 Desbravando os sertões

O interior da América portuguesa em meados do século XVIII, “ainda estava por descobrir, povoar e civilizar (...)”.⁴¹ O termo *sertão*, é entendido nesse contexto, como território desconhecido, mas passível de ser ocupado e explorado. Santos explica, que “*explorar e descrever*” caracterizavam os instrumentos básicos, da Coroa portuguesa, na construção de um conhecimento para a colonização. Desde o início, do reinado de D. José I a administração ultramarina, se preocupou em conhecer com mais cuidado o território americano sob seu domínio⁴², e também, podemos acrescentar, em todas as suas possessões. Como podemos observar, com as viagens dos naturalistas, principalmente após a Reforma da Universidade de Coimbra (1772). É a partir dessas instruções, da metrópole, que podemos entender o motivo das expedições militares organizadas por Botelho, serem tão documentadas, todas as expedições possuem diários escritos pelos seus comandantes.

Essas expedições visavam, tornar conhecido e ocupado o território meridional da capitania de São Paulo. O estado de guerra entre portugueses e espanhóis no sul do Brasil, na segunda metade do século XVIII, foi a principal preocupação do governo de D. Luis. As ações empreendidas por ele visavam, instalações de povoações, para ajudarem na ocupação efetiva dos territórios de fronteiras e atuarem como defesa dessa região. As convocações para esses novos povoamentos se deram em muitas vezes, por

³⁶SANTOS, Antônio César de Almeida. *Op. Cit.*, p. 11.

³⁷Kok, Glória. *Op. Cit.*, p. 56.

³⁸*Idem*, p. 52-53.

³⁹*Idem*, p. 55.

⁴⁰*Ibidem*.

⁴¹SANTOS, Antônio César de Almeida. *Op. Cit.*, p. 9-10.

⁴²*Idem*, p. 10.

arregimentação compulsória de moradores. Exigiam também, que todos os moradores se casassem antes de partir para as novas povoações. Essa estratégia tinha também a intenção de combater a dispersão da população, concentrá-las em lugares que a Coroa pudesse supervisionar, e controlar a arrecadação dos impostos.⁴³

A arregimentação para as expedições militares também foram compulsórias, observamos no relatório de Botelho, muitas referências as deserções durante as viagens. O governo português instruía o estabelecimento da conquista dos nativos para que se tornassem agentes aliados, e atuassem na defesa das fronteiras.⁴⁴ No texto de Botelho observamos a sua preocupação com o trato com os índios.

Os caminhos percorridos por elas tinham, como ponto de partida portos de rios conhecidos. Seus trajetos muitas vezes, seguiam por caminhos descritos por outros viajantes. Não é uma peculiaridade dessa expedição, já sabemos que a formação geográfica colonial tem suas raízes na espacialidade indígena e na ação dos agentes colonizadores. Inúmeras e contínuas expedições promoveram os contatos inéditos com as populações nativas, suas conseqüências foram: “destribalização, na política de extermínio e em inovadoras articulações das culturas nativas com as adventícias.”⁴⁵

O empreendimento colonial, se fez sempre na fronteira do mito e da experiência, o território que se mostrava promissor foi chamado pelos europeus de *sertão*.⁴⁶ As incursões a esse território aos poucos foram diluindo as visões edênicas, do paraíso terrestre, sobre a América portuguesa, que tinham se formado nos anos iniciais da colonização. A experiência, mostrou a consciência do sofrimento pessoal no continente americano.⁴⁷ “Desde o século XVI até as primeiras décadas do século XVIII, expedições itinerantes desbravaram o sertão, (...)”⁴⁸

D. Luis Antônio, ao vir para o Brasil trouxe seu primo Afonso Botelho de Sam Paio e Sousa (1728-1793), a quem nomeou responsável em organizar as expedições militares, para a parte meridional de São Paulo a partir de 1768. Afonso Botelho exerceu o cargo de ajudante de ordens do governador, chegando a receber a patente de tenente-coronel, desenvolveu vários trabalhos em Santos, Paranaguá, Lapa e Castro.⁴⁹

⁴³ *Idem*, p. 7.

⁴⁴ BELLOTTO, Heloísa L. Prefácio. In: DAMASCENO, *Op. Cit.*, p. 11.

⁴⁵ Kok, Gloria. *Op. Cit.*, p. 18

⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁷ *Idem*, p. 26.

⁴⁸ *Idem*, p. 28.

⁴⁹ GARCEZ, João Moreira Filho. Notas biográficas sobre Afonso Botelho de Sampaio e Sousa. In: AMOROSO, Marta Rosa; et. all. (orgs). *Do Contato ao Confronto: A conquista de Guarapuava no século XVIII*. São Paulo: Expomus, 2003, p. 24.

As expedições navegaram pelos principais rios da capitania de São Paulo, Tietê, Ivaí, Paranapanema, Registro (atual Iguaçu), Paraná e Tibagi. Como se pode ver no mapa em anexo. Os registros produzidos tinham interesses utilitaristas para a metrópole. Fazendo parte de um projeto de política colonial, no qual visavam a defesa, descoberta e ocupação de novos territórios.

O historiador Antônio Cesar dos Santos explica que:

A busca pelo ouro, naquele momento, devia funcionar apenas como um chamariz, animando os “paulistas” a se empenharem pelos sertões em busca de novas descobertas. A exploração dos sertões seria incentivada e, ao mesmo tempo, dirigida pelo governador.⁵⁰

Entre 1768 a 1775, foram organizadas onze expedições militares as regiões do Tibagi, Ivaí e Guarapuava. Os objetivos dessas expedições são explicados por Botelho no relatório que faz à rainha Maria, por isso enumera as expedições. Temos que considerar para essa análise, o fato de que a fonte estudada é uma edição de cartas e diários produzidos durante as expedições pelos seus respectivos participantes, sendo editadas por Botelho posteriormente aos acontecimentos. Botelho somente participou pessoalmente da décima expedição.⁵¹ A sequência das expedições, que passarei a detalhar em seguida, é feita pelo Botelho. Ver tabela em anexo.

A primeira expedição⁵² iniciou em cinco de dezembro de 1768, durou apenas três meses, foi comandada pelo capitão Domingos Lopes Cascais com aproximadamente trinta homens. Desceu pelo *rio Registro* (atual rio Iguaçu),⁵³ navegou pelo rio setenta léguas, onde deparou com os primeiros saltos explorou a região. Deixaram registrado sua passagem com “uma cruz lavrada em um pinheiro e sobre a maior queda, que faz o rio em ua grande pedra, que vira para o nordeste, lavrada outra com um picão, e por baixo as letras V. R. P.(...)”⁵⁴ Exploraram a região que hoje conhecemos por Bituruna. A prática em sinalizar os locais por onde as expedições passavam foi recorrente, e sempre descritas no nos diários das expedições, além de demarcar a posse de território servia de orientação de caminhos. Kok explica também, que: “A prática em sinalizar e marcar pontos de orientação – pedras inscritas, arvores

⁵⁰ SANTOS, Antônio César de Almeida. *Op. Cit.*, p. 4.

⁵¹Trabalhando com a documentação publicada em NEGRÃO, Francisco. (ed.), *Boletim do Arquivo Municipal de Curitiba volume III, IV e V*. Curitiba: Câmera Municipal, 1906 a 1908. JOÃO, Maria Thereza David. Afonso Botelho e os sertões do Tibagi. In: Revista Vernáculo, nº 11, 12 e 13, pp. 87 – 94. Considerou sete expedições.

⁵² SAMPAIO e SOUZA, Afonso Botelho de. *Op. Cit.*,p. 7 – 8.

⁵³ Respeitando a fonte, optei em manter o nome dos rios no original em itálico, como base em um atlas atualizado, em parênteses segue o nome do rio conhecido atualmente. BALHANA, Altiva, PINHEIRO MACHADO, Brasil e WESTPHALEN, Cecília. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969

⁵⁴ SAMPAIO e SOUZA, Afonso Botelho de. *Op. Cit.*, p. 7.

gravadas, cruces, ranchos, queimadas e sepulturas- traduziam esforços de tornar familiar e decifrável ao viandante o ambiente hostil do sertão.” As cruces e inscrições *Viva El rei de Portugal* simbolizavam a divulgação da fé e o fortalecimento da Coroa portuguesa nesses novos territórios.⁵⁵

A segunda expedição,⁵⁶ teve início em vinte de julho de 1769, comandada inicialmente pelo capitão Estevão Ribeiro Baião, que morreu durante a viagem, sendo substituído pelo tenente Francisco Lopes da Silva. Foi acompanhada por aproximadamente setenta e cinco praças. O relatório comenta que houve muitas deserções. Saiu pelo porto de São Bento, no rio Tibagi, foi até o rio *D. Luís* (atual rio Ivaí) seguindo para rio Paraná chegando às Sete Quedas. Por fim, seguiram pelo rio Iguatemi até a praça Nossa Senhora dos Prazeres, onde chegaram no fim de janeiro de 1770.

Na ordem da segunda expedição, Botelho faz referência aos ataques dos índios nos Campos Gerais ao longo da estrada de tropeiros no período de 1760-1769. Na época, nas proximidades dos sertões do Tibagi existia a vila de Castro, Piraí ao norte e a vila do Príncipe ao sul (hoje Lapa). A região foi ocupada com o desenvolvimento da rota dos tropeiros, pousos, grandes fazendas de engorda de gado e muares que vinham do Rio Grande do Sul.⁵⁷ A ordem era clara “invadir os sertões e reduzir os bárbaros”. Percebemos assim, o pensamento com relação aos gentios à serem conquistados nas novas regiões exploradas, apesar de existir ordens para um tratamento “amigável”, já se conhecia o fato dos gentios serem hostis à presença dos colonizadores.

A terceira expedição⁵⁸ iniciou em onze de agosto de 1769, comandada pelo capitão Francisco Nunes Pereira, com aproximadamente oitenta praças. Entrou pelo porto de São Bento no rio Tibagi, tinha por objetivo fortalecer a segunda expedição. Por isso seguiu o mesmo caminho, até se encontrarem no rio *D. Luís* (rio Iguazu), onde encontrou parte da expedição que havia ficado por causa da enfermidade do capitão Estevão Ribeiro Baião. A outra parte havia seguido viagem sob o comando do tenente Francisco Lopes da Silva. Os dois grupos se encontraram na praça Nossa Senhora dos Prazeres. Onde dividiram uma esquadra, comandada por Inácio da Mota e um padre capelão, com o objetivo de explorar a região das sete quedas e o rio *Pequiri*.

⁵⁵ KOK, Glória. *Op. cit.*, p. 35.

⁵⁶ SAMPAIO e SOUZA, Afonso Botelho de. *Op. Cit.*, p. 8 – 9.

⁵⁷ MOTA, Lúcio Tadeu. *Op. Cit.*, p. 110.

⁵⁸ SAMPAIO e SOUZA, Afonso Botelho de. *Op. Cit.*, p. 9-10.

O comandante da terceira expedição, o capitão Francisco Nunes, também morreu em maio de 1770, assim, formou-se a partir das duas companhias (a companhia da segunda e terceira expedição) uma nova comandada pelo tenente Francisco da Silva. A qual retornando pelo rio *D. Luís* se estabeleceu nas margens do rio Mourão em março de 1771. Local que na ida encontraram grandes bananais e laranjais, que identificaram serem vestígios da antiga Vila Rica, que os paulistas tinham destruído, rebatizaram como Vila Real. Por causa da ameaça dos espanhóis à Praça do Iguatemi, permaneceram naquela vila apenas Inácio da Mota e “dez homens povoando, e conservando limpa de mato aquela vila;”⁵⁹ O restante da esquadra seguiu para a Praça de Iguatemi.

Botelho fazendo um balanço dessas duas expedições afirma: “Tendo entrado para o sertão em julho de 1769, gastaram um ano, e três meses neste grande círculo, ficando assim reconhecido aquele grande sertão, descoberta a comunicação daquela parte para a Praça de Iguatemi.”⁶⁰ Percebemos nessas duas expedições, que além de objetivarem conhecer o sertão do Tibagi, os luso-brasileiros estavam preocupados em descobrir um caminho para se chegar ao Iguatemi. Essa região fazia fronteira com o Paraguai, D. Luis havia ordenado, a partir de 1767, a construção de um forte e um presidio.

A quarta expedição⁶¹ iniciou em vinte e oito de agosto de 1769, comanda por Bruno da Costa Filgueiras, junto com aproximadamente vinte e cinco camaradas. Saíram do porto Nossa Senhora da Conceição do rio do *Registro* (Caiaganga), Tinha objetivo de encontrar os Campos de Guarapuava, no entanto, eles se perderam, acharam que tinham chegado perto dos Campos de Putrebu ou Missões. Na realidade chegaram à região onde a primeira expedição mapeou os saltos das sete quedas. Por acabarem os mantimentos retornaram, após três dias de viagem, encontraram com os camaradas da quinta expedição.⁶²

Que tinha entrado pelo Porto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga em duas esquadras, com saídas em dezesseis e vinte e oito de outubro de 1769. Os comandantes eram, respectivamente, o alferes Antônio da Silveira Peixoto e o tenente Manoel Teles Bitancourt, com um total de aproximadamente oitenta praças. A primeira

⁵⁹ *Idem*, p. 10.

⁶⁰ *Idem*, p. 9.

⁶¹ *Idem*, p. 10-11.

⁶² *Idem*, p. 11.

esquadra navegou pelo rio *do Registro* (atual rio Iguaçu), chegando até as Missões espanholas, onde acabaram sendo presos em vinte de outubro de 1770, foram remetidos a Buenos Aires. A segunda esquadra encontrou, com o grupo de Bruno da Costa, se juntaram navegaram pelo rio do Registro até os primeiros saltos. Estabeleceram-se aí a construção do Porto de Nossa Senhora da Vitória e casas para abrigar as munições.

A sexta expedição⁶³ foi comandada pelo sargento-mor Francisco José Monteiro, sargento Cândido Xavier de Almeida e o capelão e padre Inácio Abrão Machado com aproximadamente setenta e três pessoas. Saíram em doze de julho de 1770, do porto Nossa Senhora da Conceição no rio *Registro* (Caiacanga). Seguiram na mesma direção da quinta expedição, em busca de notícias de Antônio da Silveira, chegaram até o Porto Nossa Senhora da Vitória, no rio Iguaçu. O sargento Francisco José não conseguindo notícias de Antônio da Silveira retornou para o porto N. S. da Conceição, onde chegou no fim de setembro de 1770.

O sargento Cândido Xavier após a morte de Bruno da Costa, assumiu seu posto de comandante, assim, em vinte e seis de agosto de 1770 com trinta e um soldados saíram em direção ao norte chegando nos Campos de Guarapuava. Reconheceram vestígios de gentio:

[...] topou um rancho cumprido, e reconhecendo com cautela, vendo não aparecia gente se chegaram a êle, e viram ser paiol de gentio onde guardavam seus mantimentos das roças, que também ali viram, e mais sinais, que ficaram certos ser dos gentios, que por aquelas partes habitam, parecendo também, que êles estariam nas roças onde viram fogo, e dentro do paiol muito milho, feijão em cêstos, abobras, e duas pilhas de pontas de flechas, porém em nada tocaram, como levavam por ordem, e só tiraram ua espiga de milho, e um pouco de feijão ua ponta de flecha para certeza do que viram.⁶⁴

O encontro com os índios ocorreu, em dois de outubro, as margens do rio Iguaçu, perto do Porto de Nossa Senhora da Vitória. A reação do gentil foi de hostilidade, demonstrando sinais de que iam lançar flechas, segundo o diário da expedição.⁶⁵ O relato de Botelho não fornece maiores explicações sobre esse contato, não sabemos se houve mortes. Segue o relato explicando que, o comandante Cândido Xavier temendo-os resolveram retornar ao porto N. S. da Vitória, não mais entrando nos Campos de

⁶³ *Idem*, p. 12 – 15.

⁶⁴ *Idem*, p. 13- 14.

⁶⁵ *Idem*, p. 14.

Guarapuava.⁶⁶ Botelho, que não estava nessa expedição, ao tomar conhecimento desse acontecimento mandou abrir caminho do Porto da Vitória até os campos. O que fizeram, entre janeiro a fevereiro de 1771, o trabalho foi desenvolvido mas, não atingiram seus objetivos pois o campo ficava umas vinte léguas do rio e era tudo mato grosso. Desse modo, Botelho justifica a formação de uma nova expedição: “À vista das notícias, que haviam dos gentios, e esperanças de sair ao campo, foi necessário reforçar a expedição com gente e oficiais para poder alcançar o fruto de tanto trabalho, para o que se formou nova expedição.”⁶⁷

Assim, a sétima expedição⁶⁸ tinha por objetivo reforçar e ajudar a anterior, saíram em quatro de março de 1771 do Porto N. S. da Conceição, navegaram pelo rio Iguaçu. Comandada pelo tenente Felipe de S. Tiago e padre frei Inácio Abraão de Santa Catarina “religioso carmelita, e missionários para catequizar os índios, e dispor a sua redução, como pareceu mais do serviço de Deus, cirurgião, alguns soldados pagos, por que todos fazia o número de trinta e cinco pessoas.”⁶⁹ Padres para catequizar os que se rendessem, e soldados para lutar contra aqueles que não aceitassem o Deus católico e a tutela do colonizador. No entanto, o receio com o gentio levaram muitos a deserções, assim faltava gente para entrar nos Campos de Guarapuava. Na expressão de Botelho estavam nas portas do *inculto sertões*,⁷⁰ mas, não tinha pessoas suficientes para cumprir os objetivos da metrópole, conquistar e ocupar aquele território.

Dessa forma, Botelho percebeu a necessidade de participar pessoalmente das expedições, as deserções e o desânimo sondavam os membros, até então apenas supervisionou a organização delas. O tenente Cândido Xavier, cumprindo ordens, com os poucos “fiéis camaradas” saíram aos campos no meio de novembro de 1771 e construíram uma estacada que viria a se chamar Forte de Nossa Senhora do Carmo, que recebeu apoio da décima expedição, comandada pelo tenente Botelho.⁷¹

Paralelamente, a saída da sexta expedição em julho de 1770, pelo Porto de N. S. da Conceição, um grupo de vinte e oito camaradas mateiros e caçadores, sob o comando

⁶⁶ Mota analisando o diário da expedição de Cândido Xavier, percebeu que apesar dele justificar a retirada dos campos de Guarapuava alegando falta de mantimentos, na verdade temiam um ataque do gentio. Em carta Botelho demonstrou sua desaprovação com essa retirada, no entanto, no relatório que analisamos essa questão não transparece. Ver mais em MOTA, Lucio Tadeu. *Op. cit.*, p. 111.

⁶⁷ SAMPAIO e SOUSA, Afonso Botelho de. *Op. cit.*, p. 15.

⁶⁸ *Idem*, p. 15- 18.

⁶⁹ *Idem*, p. 15.

⁷⁰ *Idem*, p. 17.

⁷¹ *Idem*, p.18.

do guarda-mor Francisco Martins Lustosa entraram pelo Sítio do Carrapato, em trinta de julho. Descrita por Botelho como sendo a oitava expedição⁷², o relato não revela os motivos de duas frentes de entradas aos sertões de Guarapuava, mas podemos inferir na possibilidade de que testemunhos de expedições anteriores tenham alertado sobre as dificuldades do caminho da sexta expedição. Sobre o caminho da oitava expedição Botelho comenta:

Entrou esta expedição pelo sítio chamado do Carrapato, que fica em meio do sertão da primeira entrada, que se fêz ao Pôrto de S. Bento, e dado Registro para o sertão, por haverem notícias antigas seria por ali bom caminho, não só para o descobrimento dos campos, como também para a Serra de Capivarucu.⁷³

Passaram pelo *rio Guaraúna, rio das Almas e Imbituva* chegando até a serra *Capivarucu* (serra da Esperança), por onde estiveram fizeram roças, retornaram em fins de novembro. Essa expedição preparou o caminho para a entrada de uma nova, que se deu em sete de fevereiro de 1771.

Identificada no relatório como sendo a nona expedição,⁷⁴ entrando também pelo Sítio do Carrapato, comandada pelo guarda-mor Francisco Martins Lustosa com aproximadamente cem pessoas. Seguiram para *serra de Capivarucu* até à borda dos campos de Guarapuava. Assim:

Com as notícias, que tinham vindo dos descobrimentos dos campos, vendo o tenente-coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, comandante de tôdas as expedições a pouca fôrça, que havia para entrar a êles, e que era preciso quem animasse a gente das mesmas expedições consumida com o trabalho, e bastantemente debilitada para completar esta importante diligência, resolveu entrar e êles pessoalmente com ordem do general D. Luís Antônio (...).⁷⁵

Assim, a décima expedição entrou pelo sítio do Carrapato em dezessete de novembro de 1771, comandada pelo tenente-coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, acompanhado de três capitães de cavalaria⁷⁶ e com o capelão o padre frei José de Santa Teresa. Encontraram com o tenente Cândido Xavier no Forte Nossa Senhora do Carmo. Em oito de dezembro, celebraram a primeira missa nos Campos de Guarapuava, forma em se tornar familiar aquele novo território, marco da conquista.

⁷² *Idem*, p. 18-19.

⁷³ *Idem*, p. 18.

⁷⁴ *Idem*, p. 19 – 20.

⁷⁵ *Idem*, p. 19.

⁷⁶ Sobre a décima expedição existe um relato resumido, p. 20 a 22, Botelho descreveu o sucintamente, apenas relatando que encontraram se com os índios. Somente a partir da p. 28 a 48, os caminhos e como foi o encontro com os índios é narrado com detalhes.

A expedição de Botelho se estabeleceu nas margens do rio Jordão, que corta ao meio os Campos de Guarapuava, onde construíram seus alojamentos. É durante essa entrada aos sertões de Guarapuava que finalmente, os luso-brasileiros encontram os índios e estabelecem uma “comunicação”, o que não tinha acontecido na sexta expedição. Com relação a esse encontro discutiremos mais detalhes no próximo capítulo, juntamente com a análise das estampas. Segundo o relato de Botelho nesse encontro morreram sete luso-brasileiros, que foram enterrados juntamente com a cruz. Esse contato não foi nada amistoso, os luso-brasileiros tiveram que se retirar dos sertões, devido ao ataque dos índios, estavam em número de pessoas menores. Mas tinham a intenção de voltar com reforços, assim, tiveram o cuidado para “[conservar] os caminhos abertos para continuar a mesma diligência quando o general o determinasse. (...)”⁷⁷

O que ocorreu em vinte e três de outubro de 1773, a décima primeira expedição, comandada novamente pelo tenente-coronel Botelho, padre frei João de Santa Ana Flores alferes Manoel Gomes e outras pessoas que “voluntariamente” o acompanharam.⁷⁸ Entraram pelo sítio do Carrapato, caminho que tinha sido conservado, o guarda-mor Francisco Martins tinha se estabelecido na serra de Capivarucu e construído quartéis. Nesse local se ergueu a freguesia de Nossa Senhora da Esperança, região na qual ficava no meio entre os Campos de Guarapuava e os Gerais de Curitiba. Esse local se tornou parada obrigatória, para descanso da tropa e abastecimento de mantimentos e alimentos. Botelho ficou na serra de Capivarucu, enquanto, Paulo de Chaves d’Almeida comandou um grupo de aproximadamente vinte e oito pessoas.⁷⁹ Objetivando entrar nos campos de Guarapuava, a partir de oito de dezembro de 1773, levando “munições de bôca, e guerra, como de gente, petrechos, e mais preciso para aquela viagem.”⁸⁰

O texto sobre o que aconteceu durante essa entrada aos sertões, observamos, que Botelho compôs misturando trechos do diário da expedição escrito por Paulo Chaves com suas próprias palavras. As dificuldades encontradas na viagem foram descritas, marcharam sob chuva o que deixou o caminho ruim, chegaram nos campos em quinze de dezembro. Foram até a estacada Nossa Senhora do Carmo. Percebe-se também

⁷⁷ *Idem*, p. 22.

⁷⁸ *Ibidem*.

⁷⁹ Fazia parte desse grupo Diogo Pinto de Azevedo, que em 1810 comandou a expedição que efetivou a dominação dos Campos de Guarapuava.

⁸⁰ SAMPAIO e SOUSA, Afonso Botelho de. *Op. cit.*, p. 49.

através do diário a demarcação de um caminho a ser seguido. Ao chegarem no antigo arranchamento do rio Jordão, em vinte e um de dezembro, virão a cruz retirada e quebrada. O comandante Paulo Chaves deixou sua opinião: “mostrarem desfeitas as nossas obras em ódio da nossa amizade, recaindo esta feroz demonstração naquele soberano madeiro em que o Divino Filho de Deus Padre em forma humana padeceu para nos remir do cativo da culpa.”⁸¹ Além de profanarem cruz, para espanto dos luso-brasileiros, os índios desenterraram os cadáveres e dispersaram os ossos pelo campo, dos sete camaradas mortos em 1771.

Em vinte e seis de dezembro atravessaram o rio Jordão, encontraram os corpos desenterrados e a cruz quebrada. Passaram para a outra margem do rio Jordão rumo a nordeste. Foram até os alojamentos que haviam encontrado em 1772, mas acharam apenas os vestígios de sua existência. No dia vinte e nove encontraram uma aldeia grande composta de sete ranchos, que acomodariam quatrocentas pessoas para cima. Alguns índios os viram, e fugiram para o mato, a aldeia estava vazia e ao entrarem nos ranchos encontraram “milho, farinha, e carnes, e **algua ao fogo em panelas** por ser ao meio-dia.”⁸² Esse detalhe do relato nos indica a presença dos índios em seus alojamentos pouco tempo antes da chegada dos militares, o que nos leva a entender que o gentio estava fugindo do encontro com esse grupo.

Tentaram oferecer coisas para tentar estabelecer a comunicação, mas os índios não aceitaram. Tentaram explorar os campos e marcar de nas árvores a inscrição *Viva El-Rei de Portugal*, mas não conseguiram “avistaram diferentes lotes de índios, que de diversas partes se vinham juntando, (...)”.⁸³ Pelos gestos Paulo Chaves explica que logo perceberam o que diziam: “que voltassem para trás, aliás os amarrariam, açoutariam, e cortariam o pescoço.”⁸⁴

O comandante logo percebeu que todos os índios vinham armados para a guerra, ao observarem os enfeites da cabeça e pelas flechas e arcos. Podemos perceber que após anos de contato colonial, os índios de Guarapuava já não temiam mais os cachorros, os cavalos e as armas de fogo “que embocando-se-lhes aos peitos, não faziam a mais pequena repugnância.”⁸⁵ (reciprocidade, mapuches)

⁸¹ *Idem*, p. 55.

⁸² *Idem*, p. 23. Grifo nosso.

⁸³ *Idem*, p. 61.

⁸⁴ *Ibidem*.

⁸⁵ *Idem*, p. 62.

A intenção do comandante era levar os índios até o alojamento para lhes dar “muitas cousas do fato do seu uso”.⁸⁶ No entanto, os índios estavam atacando os militares. Duas mulheres e uma criança usavam a estratégia da sedução, para atrair os militares à uma roça para depois os atacar. Outros índios já estavam no acampamento e os militares “resolveram a descarregar sobre aqueles bárbaros ua descarga d’outros tantos tiros, (...)”⁸⁷ assim os índios se dispersaram. A justificativa dos disparos é acompanhada primeiramente da descrição de que os índios os atacaram primeiro. Os receios de um novo ataque os fizeram com que se retirassem dos campos. No trecho do diário de Paulo Chaves podemos entender melhor: “pois se só em menos de vinte e quatro horas se poderam ajuntar de quatrocentos para cima, que seriam pouco mias, ou menos, os que se chegaram a ver, todos moços, e muito robustos, e escolhidos, (...)”⁸⁸ Os luso-brasileiros portadores de uma visão colonial queriam conquistar aqueles territórios e catequizar os índios, do outro lado eram os nativos querendo expulsar aqueles que tentavam tomar posse de seu território. Segue o relato explicando, que no dia seguinte os índios retiraram as coisas do alojamento. Ao chegarem à estacada Nossa Senhora do Carmo (localizada nas portas do sertão) perceberam que o gentio esteve ali e espedaçou a cruz.

Na retirada dos campos a descrição do comandante revela que eles passaram por onze ranchos indígenas, o relatório não deixa transparecer a opinião sobre isso. Mas, podemos supor que diante desses relatos os colonizadores tiveram uma noção da grande população que habitavam aqueles *sertões*.

A décima primeira expedição chegava ao fim em janeiro de 1774, no dia primeiro chegaram ao rancho do rio Jordão, e no dia nove na serra de Capivarucu. O trajeto que levaram quase um mês para percorrerem na ida, fizeram em nove dias na volta. Toda a tropa estava exausta, muitos cavalos sacrificados no caminho.

A partir desse desfecho das expedições militares, podemos entender, o motivo que em todo o relato do Botelho o índio é tratado como sinônimo de bárbaro, inculto, monstros. Os objetivos em conquistar os nativos como aliados da Coroa não foram atingidos, as incursões exigiram um forte investimento financeiro e uma grande arregimentação de pessoas.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ *Idem*, p.63.

⁸⁸ *Ibidem*.

Botelho, que havia ficado na serra de Capivaruçu, teve que ajudar a socorrer o Rio Grande, que estava sendo atacado pelos espanhóis. Assim, as incursões aos sertões tiveram que ser suspensas.

A freguesia Nossa Senhora da Esperança em 1775, foi atacada pelos índios, que na ocasião mataram três pessoas, Botelho justifica a falta de defesa do lugar explicando que faltava gente porque o novo governador não deu importância. Nesse período o governo de D. Luis Antônio já tinha chegado ao fim. Se lamentando:

E por continuar a guerra, e chegar novo general à Capitania de S. Paulo, pararam todas as diligências de estabelecimento do campo, e da redução do gentio, ficando a porta aberta para a tôda a hora, que Deus fôr servido entrar por aquele abismo a redenção, e livrar do cativo a tantas almas como habitam aquêles sertões.⁸⁹

Nesse trecho Botelho atribui o fato de não organizar mais incursões aos sertões devido a guerra na fronteira e a troca de governador da capitania de São Paulo. Ao mesmo tempo reconhece a presença de muitos índios naqueles campos.

Ao concluir o texto no qual narra as onze expedições, Botelho esclarece:

É quanto se tem passado no descobrimento dos Sertões do Tibagi, durante o governo do general D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, que ansiosamente procurou completar esta grande obra; e continua o primeiro, e segundo encontro, que houve com os índios nestes mesmos campos.⁹⁰

Em resumo, “as expedições militares percorreram o sertão envolvidas na conquista de novos territórios, na expulsão dos espanhóis, nas guerras contra índios hostis e na intrincada questão da delimitação das fronteiras meridionais.”⁹¹

Para Santos 1768 e 1773 treze expedições, ele estuda mais fontes.

“Essa ação exploratória tinha por objetivo maior o estabelecimento de vias de comunicação (e de abastecimento) com a Colônia de Sacramento, ao sul, e com a Colônia do Iguatemi, a oeste, com o intuito de garantir a posse portuguesa desse território.”⁹² Iguatemi era uma “diversão” frente aos espanhóis, enquanto eles se preocupavam com o forte os portugueses avançavam nos território do Rio Grande.

Através desse relatório buscamos entender sobre a organização das expedições, os caminhos percorridos, os números de participantes, quais elementos que estão sendo

⁸⁹ *Idem*, p. 24.

⁹⁰ *Idem*, p. 25.

⁹¹ KOK, Glória. *Op. cit.*, p. 55.

⁹² SANTOS, Antônio César de Almeida. *Op. cit.*, p. 12.

ênfatisados pelo narrador. Como já explicado, a fonte textual desta pesquisa é composta por vários textos, ao fim desse relato segue a narrativa do encontro entre luso-brasileiros e índios em novembro de 1771. O objetivo deste capítulo foi apresentar o contexto em que ocorreram as expedições militares, para entendermos em quais circunstâncias ocorreram esse encontro. O que esta relacionado as motivações de encomenda das estampas. Ao concluir a narrativa do encontro, Botelho anexa a esse conjunto de textos o diário da décima primeira expedição. A tipologia da fonte nos fornece elementos para justificar que a intenção de Botelho ao fazer a seleção de textos com as estampas pretendeu justificar seu insucesso ao ataque dos índios. Analisando o conjunto de fontes podemos afirmar que a intenção do autor era o de justificar o insucesso na conquista efetiva dos Campos de Guarapuava atribuindo a fato aos *bárbaros* nativos daquela região. Eles retardaram a entrada nos campos de Guarapuava por quarenta anos, somente em 1810, uma expedição fortemente armada com aproximadamente 200 pessoas conquistaram efetivamente a região.⁹³

O relatório de Botelho sobre as expedições muito provavelmente foi escrito entre 1777 - 1778, é importante pontuarmos, que ao escrever sobre os fatos ocorridos a mais de dez anos atrás ele selecionou aquilo que deveria ser lembrado. Botelho tinha objetivos ao redigir o texto, por isso escolheu privilegiar algumas coisas em detrimento de outras. Uma característica evidente do texto é citar apenas os comandantes das expedições, sem comentários do restante que fazia parte da tropa. Ausência de mulheres, homens comuns nas expedições, omissão do relato de Botelho. No relatório também é retirado parte das descrições geográficas fornecidas nos diários das expedições.

Os nativos de Guarapuava são denominados na fonte como índios, bárbaros, selvagens, gentio, monstros e feras. Tais denominações tinham a intenção de denegrir a imagem desses índios, para se justificar a dominação colonial. Fato que se observa em outras fontes do período colonial. Raminelli comenta, que durante as viagens filosóficas de Alexandre Rodrigues, o naturalista se deparou com diferentes grupos indígenas, os quais eram descritos ou como colaboradores ou não.

Kok explica, que a fome era companheira constante das expedições, acrescentaria também a morte. A presença de padres nas expedições não era apenas para

⁹³ O comandante da expedição foi Diogo Pinto de Azevedo, que havia participado como soldado durante da décima expedição.

atuarem na missão de catequizar os índios, mas também de exercer o sacramento da confissão para aqueles que viessem a precisar.

1.3 Tipos de viagens ao sertão durante o século XVIII

Durante o século XVIII, outras formas de expedições também se aventuravam pelos sertões da capitania de São Paulo. Kok as apontam como sendo, as bandeiras, as tropas militares e as monções. As bandeiras eram empreendimentos que visavam lucros com o aprisionamento dos índios, eram compostas por escravos indígenas, principalmente guaranis e carijós, sendo organizadas por pessoas de posse.⁹⁴

John Monteiro explica que as incursões pelos sertões foram motivadas pela procura de metais preciosos e a necessidade dos paulistas em mão-de-obra, no século XVII.⁹⁵ A busca por metais preciosos foi muito estimulada por d. Francisco de Sousa, governador do Brasil entre 1591 e 1601. No entanto, as expedições que saíam em busca de riquezas minerais acabavam voltando apenas com muitos índios.⁹⁶

A atividade de apresamento dos índios era muito violenta, assim os ataques que os paulistas empreendiam contra as aldeias jesuíticas causavam grandes discórdias entre eles. Na primeira metade do século XVII, os paulistas se concentraram em escravizar índios das regiões: sertão dos Patos e o sertão dos Carijós. Território habitado, principalmente, por guaranis e também por outros grupos não guaranis.⁹⁷ O sertão dos Carijós, também denominado por Guairá, “tornou-se o principal objetivo das expedições que partiam de São Paulo”⁹⁸, (no período de 1610 e 1640). Inicialmente, as bandeiras se constituíram em grandes empreendidos de grande porte e longas distâncias, no entanto, a partir de 1640 passaram a ser menores, mais dispersas e freqüentes.

“Enfim, no crepúsculo do século, a atividade do apresamento – tão fundamental para a economia antes em expansão – também se apagava lentamente.”⁹⁹ Dessa forma, Monteiro explica, que a mão-de-obra indígena tão importante para o desenvolvimento da economia do planalto no século XVII, perdia seu lugar para as minas recém descobertas no fim desse século. O segundo interesse, que motivava as bandeiras nas

⁹⁴ KOK, Glória. *Op. cit.*, p.44.

⁹⁵ MONTEIRO, J. M. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 57.

⁹⁶ *Idem* p. 59-60.

⁹⁷ *Idem* p. 61.

⁹⁸ *Ibidem*.

⁹⁹ *Idem* p. 97.

suas incursões pelo sertão, era a busca por riquezas minerais. O que se concretizou no fim do século XVII. Na medida em que elas penetravam pelo interior do Brasil, inúmeros relatos de encontro de metais preciosos convenceram a Coroa, que passou a financiar algumas expedições. Monteiro defende, que os apresamentos de índios não eram impulsionados pela demanda por mão-de-obra no nordeste açucareiro, e sim pelo desenvolvimento da economia do planalto.¹⁰⁰ Kok considera, que a atividade das bandeiras existiram até a metade do século XVIII, sendo substituída aos poucos pelas expedições organizadas pela metrópole.

Nesse mesmo século, se observa as monções - frotas de comércio que rumavam do Porto de Ararituaba a Cuiabá conhecidas - também por “monções de Povoamento.”¹⁰¹ A partir da segunda metade do século XVIII, um número crescente de expedições científicas partiram da metrópole para as suas possessões coloniais.

Portugal influenciado pelas idéias modernizadores do Iluminismo europeu, promoveu em 1772, uma reforma na Universidade de Coimbra. Na qual estabeleceu como curso obrigatório a História Natural, antes de fazer qualquer outro curso. As expedições científicas tinham por objetivos inventariar todo a fauna e flora das colônias, com interesses utilitaristas. Com essa formação muitas viagens foram planejadas, com o intuito de conhecer o território colonial.

1.4 Ausência dos índios na historiografia paranaense

Lúcio Tadeu Mota, na primeira parte de sua dissertação,¹⁰² refuta a tese de um “vazio demográfico” no Paraná. Explica, que tal idéia foi construída a partir dos anos 20 por um discurso oficial, que tinha interesses econômicos e políticos no setentrião do oeste e sudeste paranaense.¹⁰³ Na década de 50, o Paraná passou por um período desenvolvimentista, no qual, intelectuais paranaenses refletem sua sociedade em busca de uma identidade local.¹⁰⁴ As idéias de: “Vazio criado pela expulsão ou eliminação das populações indígenas que, desse modo, são colocadas à margem da história.”¹⁰⁵ A sua análise se baseou em textos de geógrafos, sociólogos, historiadores, livros didáticos e obras que fizeram apologia à colonização da região na primeira metade século XX.

¹⁰⁰ MONTEIRO, J. M. *Op. cit.*, p. 76.

¹⁰¹ KOK, Glória. *Op. cit.*, p. 60.

¹⁰² MOTA, Lúcio Tadeu. *Op. cit.*

¹⁰³ *Idem*, p. 4.

¹⁰⁴ *Idem*, p. 29.

¹⁰⁵ *Idem*, p. 15.

Defende, que a construção da idéia de “vazio demográfico” foi uma forma de ocultar os conflitos indígenas no processo de ocupação do território que hoje conhecemos por estado do Paraná.

A refutação dessa tese foi construída, a partir, dos documentos das expedições de Afonso Botelho. A dificuldade em efetivar a conquista dos Campos de Guarapuava foi por estarem *infestados de índios*, que resistiram atacando as tropas militares.

Edilane Lacheski em sua dissertação estudou, os intérpretes regionais que se dedicaram em escrever sobre a história de Guarapuava, na segunda metade século XX. Para ela: “As representações discursivas analisadas serviram como construtoras de uma memória histórica para Guarapuava na segunda metade do século XX.”¹⁰⁶ Tal memória privilegiou a construção de uma idéia de conquista territorial, sendo narrado em termos épicos e heróicos ao longo do século XX. Esses discursos regionais foram construídos em um contexto de busca por uma identidade de Guarapuava, dos anos 50. Que passava por transformações econômicas, políticas e territoriais (desmembramento de seu território e emancipação política em vários municípios). A economia, sofria com a queda da atividade pecuarista sendo substituída pela plantação do café e exploração da madeira.¹⁰⁷

No início da década de 1990, a prefeitura de Guarapuava, elaborou um projeto de preservação da memória histórica da cidade. Tendo como preocupação, principal, o crescimento econômico, sendo assim a história usada como um suporte. Fazia parte do projeto, a melhoria das condições materiais e de vida da população e a preservação do patrimônio histórico.¹⁰⁸ A memória resgata nesse projeto, como explica Lacheski, privilegiou a idéia de uma conquista territorial, sacralizando o passado.¹⁰⁹ Permanência de uma referência histórica baseada na apologia da colonização.

Em julho de 2010, a cidade foi tomada pelas comemorações de duzentos anos de fundação da cidade. Essa data foi eleita como um marco, no qual, o governo através da força militar expulsou a população nativa daqueles campos. O discurso do prefeito¹¹⁰ Fernando Carli, referindo-se aos colonizadores deve ser tomado para reflexão. Percebemos, um enaltecimento das pessoas que povoaram a região, sendo tratados

¹⁰⁶ LACHESKI, Edilane. *Guarapuava no Paraná : discurso, memória e identidade (1950-2000)*. Curitiba, 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, UFPR. 162 f. p. 152.

¹⁰⁷ *Idem*, p. 46.

¹⁰⁸ *Idem*, p. 98.

¹⁰⁹ *Idem*, p. 102.

¹¹⁰ Discurso do prefeito Fernando Carli Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6Lc5r5CUKGI>> Acessado em 31/07/2013.

como “pessoas de coragem” que enfrentaram adversidade e se estabeleceram. Tal discurso nos revela a negação da presença indígena em Guarapuava.

2. Dois mundos em desencontro

A narrativa imagética, entre o encontro de luso-brasileiros e índios, pode ser acompanhada no anexo.

Geralmente, ao começarmos a análise de uma fonte iniciamos a discussão explicando sobre o autor da obra. Para conseguirmos entender, o contexto de sua produção e o significado da fonte. No caso das estampas, de Joaquim José de Miranda, desconhecemos, até o momento, a biografia desse autor. Mas, acreditamos ser possível através de sua obra fazermos algumas considerações sobre Miranda. A estampa é um tipo de gravura acompanhado de legenda, seu objetivo é apresentar a evolução do objeto observado, era uma forma de desenho muito utilizado pelos viajantes naturalistas.¹¹¹

Para a leitura das imagens, nos baseamos na metodologia proposta por Arthur Freitas, uma abordagem tríplice. Composta pela parte formal, semântica e social. Na primeira etapa formal, propõem o isolamento metodológico, nele anotamos tudo que vimos na imagem. Para depois, compreender a sua forma lógica (semântica), e transformar as imagens em um discurso verbal no qual podemos relacioná-lo ao seu contexto social.¹¹² Ao fazermos a leitura das imagens separadamente, percebemos, que o autor teve a intenção de privilegiar alguns elementos em detrimentos de outros.

Para facilitar a análise, agrupei as estampas em sete grupos, tendo como objetivo juntar as imagens com paisagens parecidas. Grupo I: estampa 1 a 5 representação individual do índio; grupo II: estampa 6 a 12 o primeiro encontro entre índios e luso-brasileiros; grupo III: estampa 13 a 21 índios visitam os luso-brasileiros no alojamento; grupo IV: estampa 22 a 26 o luso-brasileiros visitam o arranchamento dos índios; grupo V estampa 27 a 30 o luso-brasileiros retornam ao arranchamento do rio Jordão e são visitados pelos índios; grupo VI estampa 31 caçadores encontram com os índios; grupo VII: 32 a 40 muitos índios armados vão até o rancho do rio Jordão, assassinato de sete militares da expedição, retirada dos luso-brasileiros. A dinamicidade das cenas são percebidas, a partir, das legendas e do texto escrito.

¹¹¹ GUIMARÃES, Natally Nobre. *Op. Cit.* p. 26.

¹¹² FREITAS, Artur. *Op. cit.* p. 9-10.

2.1 As narrativas de Miranda e Botelho

A narrativa de Miranda, começa com três estampas, nas quais estão desenhados os índios sozinhos. São os perfis dos índios que aparecerão em toda a narrativa imagética. Seus corpos são robustos, os homens têm barbas e cavanhaques, seguram um bordão, arcos e flechas. As mulheres estão vestidas com a tanga seu traje típico e roupas coloniais.

A partir da estampa 6, um grupo de cinco luso-brasileiros encontram com uma família de índios catando pinhões. Para entendermos, os acontecimentos que levaram a esse encontro, recorreremos ao relatório de Botelho, que nos informa sobre as datas e a localização. Esse encontro aconteceu durante a décima expedição comandada por Afonso Botelho. Ela havia entrado pelo sítio do carrapato em dezessete de novembro de 1771. Uma grande força militar o acompanhava, era composta pelos capitães de cavalaria auxiliar de Curitiba Francisco Carneiro Lôbo, Lourenço Ribeiro de Andrade e José dos Santos Rosa; tenente Domingos Lopes Cascais e dois sargentos da praça de Santos Manoel Gomes Mazagão e José Joaquim César e pelo frei José de Santa Teresa de Jesus.¹¹³

Em quatorze de dezembro, estabeleceram acampamento nas margens do rio Jordão, no dia seguinte, passaram pela outra margem do rio e exploraram os campos de Guarapuava. Encontraram “trilha de gente, e daí a pouco um caminho (...)”¹¹⁴, até se depararem com um rancho grande onde tinha sinais do gentio ter estado lá a poucos dias, o latido dos cachorros indicavam a presença próxima dos nativos.

Nos dias seguintes, continuaram entrando nos campos. Seguindo a trilha do gentio, cruzaram com vários alojamentos no meio do caminho. Pela descrição de Botelho, em um rancho ele estimou acomodar cento e cinquenta pessoas.¹¹⁵ Encontraram roças e também alimentos deixados pelos índios, o que facilitou o abastecimento da tropa. Foi utilizando dos produtos indígenas que eles conseguiram sobreviver, nos sertões. O tenente-coronel percebendo o cansaço da tropa decidiu estabelecer pouso em um dos ranchos. Para averiguar a região onde estavam, destinou o capitão Francisco Carneiro Lôbo e o tenente Domingos Lopes Cascais com três camaradas para explorar o campo.

¹¹³ SAMPAIO e SOUSA, Afonso Botelho de. *Op. cit.*, p.28.

¹¹⁴ *Idem*, p. 29.

¹¹⁵ *Idem*, P.30.

É esse grupo de cinco pessoas que se encontraram com uma família de índios, próximo a um lago retirando pinhões. Observa-se no canto esquerdo um casal com seus cinco filhos pegando pinhões¹¹⁶ e do lado direito os cinco militares se aproximando. Os índios correram, mas, logo foram alcançados exceto a mulher que ficou no meio do mato fazendo “sinais [de] paz batendo as palmas (...)”¹¹⁷ O tenente Cascais, logo ofereceu um barrete de pisão vermelho (estampa 7). A reação do índio, segundo o relato, ficou alegre e mais ainda quando recebeu uma chimarra. Nesse trecho do relato de Botelho, existe uma referência as estampas 1 e 8, o índio na primeira esta representado de corpo inteiro portando arco e flechas, a legenda explica que a folha foi acrescentada por decência, pois o índio encontrado estava nu. O formato do corpo e as características dos rostos são as mesmas para todos os índios encontrados na narrativa imagética, excetuando a cor da pele.

Os restantes dos camaradas também se despiram de alguma coisa e ofereceram às crianças, estampas 9 e 10. João Lopes ofereceu também um facão, mostrando-lhes como cortar o capim e a madeira. Em seguida, os luso-brasileiros apontaram o caminho para indicar a localização do tenente-coronel e os convidaram para uma visita, o que eles prometeram para o dia seguinte, estampa 12.

Os camaradas ao retornarem, deram uma salva de tiros, assustando os que estavam na caça, acharam que estivessem sendo atacados pelo gentio, e “acudiram a tôda a pressa, mas certificados daquele feliz encontro suavizaram com alegria o pesar da perda da caça, (...)”¹¹⁸ A paisagem das estampas já mudou, um caminho, casas e um pequeno lago no centro da imagem. Todos estão portando suas armas. Mas a chuva presente no relato não é desenhada, estampa 13.

As intenções dos militares com os índios eram: “o de reduzir ao conhecimento do verdadeiro Deus (...)”¹¹⁹, mas, percebe-se também um clima de receio com o contato desses índios. No dia dezessete de dezembro, dia em que esperavam a visita do gentio, cuidaram em juntar os cavalos. Por volta das nove horas da manhã, um grupo de oito índios armados com arco, flechas e bordão, chegaram ao arranchamento ocupado pelos luso-brasileiros. O grupo era guiado por aquele que recebeu uma chimarra vermelha do

¹¹⁶ É importante sinalar que a época em que se encontra o pinhão é no período de junho a agosto, o encontro com os índios ocorreram no mês de dezembro. Levantamos a hipótese de que esse produto tenha sido armazenado, porém o relato de Botelho afirma que os índios pegaram pinhões espalhados pelos campos. Referência de lagos de pinhões ao longo dos caminhos percorridos.

¹¹⁷ SAMPAIO e SOUSA, Afonso Botelho de. *Op. cit.*, p. 31.

¹¹⁸ *Ibidem.*

¹¹⁹ *Idem*, p. 32.

capitão Cascais no dia anterior (estampa 14). Um grupo de soldados armados, estão em postos no canto direito da estampa 15, enquanto isso, o tenente Domingos Lopes Cascais e João Lopes percebendo o receio dos índios se adiantam em recebê-los, portando apenas espadas. A recepção foi “afetuosa com grande carinho”, Botelho os abraçou e revelou seu pensamento:

e se o vê-los mansos causou prazer, compaixão foi o vê-los nus sem roupa, nem compostura alguma; e ainda que alguns traziam seu modo de camisa sem mangas, eram muito curtas e assim mesmo arregaçadas de sorte, que se lhes via todo o corpo da cintura para baixo.¹²⁰

Botelho percebeu, também que todos eram muito jovens, o mais velho não tendo mais que cinquenta anos. A descrição física dos índios se segue:

(...) os cabelos cumpridos de um palmo pouco mais, ou menos, cortados por diante bem redondos, e dous com coroa no próprio lugar em que nossos clérigos as têm, bem redondas, pouco maiores que as dos minoristas, as sobrancelhas rapadas todos em geral, as barbas crescidas, uns mais, e outros menos; e perguntando-lhes por que as não rapavam, ou traziam como nós, responderam por acenos, que por não terem com quê: a fala tão bárbara, que é totalmente distinta da geral indiana.¹²¹

Por falta de coisas para oferecer aos índios o tenente-coronel e o restante do grupo despiu-se das suas camisas e os vestiram. Na estampa 17, o grupo armado do canto direito já não aparece mais. O medo que tinham aos poucos foi se dissipando durante a comunicação. “E os camaradas deram a maior parte dos seus fatos ficando quase nus, e também muitas facas, e facões, o que êles mais que tudo estimaram, e um machado, que ia para fazer algum caminho se fôsse necessário.”¹²² Dois índios vestidos, saem para chamar o restante de seus companheiros que ficaram no mato. Um grupo maior de índios começam a chegar novamente, as armas dos militares que não estavam na estampa 18, reaparecem na cena 19. Curiosamente, apesar das legendas e do relato de Botelho indicarem que alguns deram as roupas até ficarem quase nus, nas imagens seguintes eles reaparecem com roupas ou alguns com poucas. Os índios ofereceram-se para buscar pinhões, o que os luso-brasileiros aceitaram com muito agrado.¹²³ Trataram o tenente-coronel por Pahy.

¹²⁰ *Idem*, p.32.

¹²¹ *Ibidem*.

¹²² *Idem*, p. 33.

¹²³ *Ibidem*.

“Deram mostras de confiança armando práticas imperceptíveis com que queriam mostrar o seu agrado (...)”¹²⁴ Os dois, que tinham ido buscar pinhão, retornaram e fizeram fogo para assá-los e por gestos ensinaram como se deviam comer. O tenente-coronel querendo retribuir-lhes ofereceu porco assado, o que não aceitaram.¹²⁵ Após muitas trocas de acenos, carinhos, roupas e objetos os índios saíram do arranchamento. Convidando-os insistentemente para os visitarem, nos seus alojamentos, umas duas léguas para frente de onde estavam.

Na estampa 22, O grupo de Botelho, chega ao alojamento indígena. Haviam partido por volta de uma hora da tarde, ao longo do caminho encontraram “lagos de pinhões” e uma rancharia queimada. Alguns pinhões estão presentes na imagem, a legenda explica, que ao verem o tenente-coronel ficam esperando alvoroçados.

Ao se aproximarem do rancho percebeu que:

(...) sentindo a nossa marcha saíram alguns ao terreiro como inquietos, porém viu-se logo vestirem a roupa, que se lhes tinha dado, vestindo um a camisa com abertura de diante para as costas, e seguindo-se a marcha sem alteração, chegando em distância de cinqüenta braças, vieram ao nosso encontro três bugres, um com bordão, e os dous sem armas (...)¹²⁶

Os índios, tinham medo dos cavalos e dos cachorros. Os luso-brasileiros aperearam e se dispuseram a entrar nos seus “pobres ranchos”, estava chovendo muito forte¹²⁷, foram levados para perto do fogo e lhes ofereceram pinhões assados. Saíram de dentro do rancho e observaram o seu entorno. Sentiram a falta das mulheres e crianças, perceberam que conservavam-se no rancho, somente aqueles que pudessem usar armas (estampa 24).

Botelho os convidaram, para conhecer o alojamento ao lado do rio Jordão, onde lhes prometera dar muitos presentes. Os índios, explicaram que já mandavam vir da aldeia principal as mulheres e as crianças. Insistiram para que ficassem mais, vendo não dar resultados, ofereceram um tição de fogo para que os conduzisse de volta, ofereceram ao tenente coronel um bordão e um arco e flecha (estampas 25). Em sinal de agradecimento, a legenda da estampa 26 indica que os militares também lhes deixaram coisas, tecidos e miçangas.

¹²⁴ *Ibidem.*

¹²⁵ *Idem*, p. 34. A prática do envenenamento da comida era muito utilizada por esses índios, como explica Mota, talvez por receio que tivessem feito o mesmo recusam o alimento. MOTA, Lucio Tadeu. *Op. cit.* p. 115.

¹²⁶ *Idem*, p. 34.

¹²⁷ Nas estampas não existe nada indicando que estava chovendo.

Na volta, Botelho mandou erguer uma grande cruz onde estiveram hospedados, “para memória de que ali tinha chegado”.¹²⁸ Sobre os índios escreveu: “a este gentilismo, que nunca se permitiu achar tão humano, e tratável como se experimentou: o mesmo Senhor permita dar-lhes luz para acertarem o caminho de sua Divina Lei, e os traga ao grêmio da Igreja, e nos dê fôrças para continuar esta grande obra.”¹²⁹

No caminho de volta, ao porto do rio Jordão, enfrentaram muitas chuvas, devido a cheia do rio usaram canoas para passarem à outra margem. Os camaradas que por lá ficaram se admiraram com as flechas e os arcos dos índios. Observa-se, também que os alojamentos foram construídos, dois canhões um de cada lado do rancho e algumas armas, cavalos compõem a cena da chegada ao porto do rio Jordão. (estampa 27)

No dia vinte dois de dezembro, por volta das seis horas da manhã, defronte o porto, avistaram alguns índios que viam chegando, e alguns passavam para a outra margem do rio. No relato, para recebê-los Carneiro, João Lopes e outros camaradas passaram para a outra margem do rio em canoa. Nota-se, no centro da estampa a presença do capelão, que até então não aparecera em nenhuma estampa. A visita foi composta por muitos índios homens e armados (estampa 28). Botelho:

Mandou dar o tenente-coronel dous côvados de baeta à maior parte deles, tangas pintadas, facas, contas, e outras infinitas cousas, que estavam preparadas: a confusão com que chegavam uns, e se retiravam para chegarem outros não deu lugar para que se pudesse fazer verdadeiro cômputo de tudo quanto levaram.¹³⁰

Estavam presente, uma moça de dezesseis anos, mais ou menos (que ocupa o centro da estampa 29), e mais duas que passavam dos quarenta anos e vários rapazes de oito anos para cima, e uma criança entre dois e três anos com o pai. Levaram machados, facas, foices, baonetas, catanas tudo que viram.¹³¹ Botelho, estima que nesse dia estiveram no acampamento em torno de setenta índios, as mulheres foram enfeitadas com fitas, miçangas e vestidos. Após observarem bem o acampamento, por volta das dez horas da manhã se retiraram deixando arcos e flechas, “dando a intender, que iam buscar as mulheres (...)”¹³² A legenda da estampa 30 explica que : “Vão-se retirando os índios muito alegres, e admirados da liberalidade, que se usa com eles.”

¹²⁸ *Idem*, p. 36.

¹²⁹ *Ibidem*.

¹³⁰ *Idem*, p. 37.

¹³¹ *Idem*, p. 38.

¹³² *Ibidem*.

Saindo para caçar, no dia vinte e quatro, alguns camaradas encontraram com o gentio, no entanto, o relato revela que muitos haviam ficado de sentinelas, vigiando o alojamento do rio Jordão (estampa 31). Nos dias que seguiram, continuaram a avistar índios em torno do alojamento. No dia vinte e oito, pela manhã, avistaram índios em um alto, João Lopes e Manoel Pinto passaram à outra banda do rio para encontrar com eles. Logo, apareceram cinco índios que deram mostras de conservar a mesma amizade (estampa 32), mas eles não quiseram passar para o outro lado dos alojamentos.

O relatório revela as pretensões dos luso-brasileiros:

(...)o tenente-coronel aplicando todo o cuidado na eleição do lugar para a construção de ua fortaleza, ou lugar em que com respeito militar estabelecesse neste continente o direito senhorial deste país, e para com ela animar o corpo de ua grande povo[a]ção, que provavelmente se há de estabelecer com multiplicadas fazendas de gados, para o que convidam estes deliciosos, amenos, e férteis campos.¹³³

No dia oito de janeiro de 1772, a legenda da estampa 33: “vêm os Indios em grande quantidade dispostos á traição, que tinham premeditado.”¹³⁴ Muitos índios armados aparecem no abarracamento, no relato de Botelho, consta que avistaram três lotes de índios, composto por uns cento e cinquenta pessoas cada, marchavam apressados em direção ao porto. Ao mesmo tempo, em que mandou preparar as roupas separadas para as mulheres, o tenente-coronel mandou o sargento Manoel Gomes e o tenente Cândido estarem a postos nas peças de artilharia para dar fogo, e estarem com as armas próximas caso precisassem.

Nota-se, que desta vez não existe a presença de crianças, apenas duas mulheres como se observa na estampa 34, são oferecidos lhes vestidos de chita, como tinha sido preparado. Alguns índios passaram para a outra margem do rio, “Entravam pelos ranchos, chegando alguns a tomar machados, e foices, até uma baioneta, sem esperar que se lhe desse, o que tudo dissimulou o tenente-coronel para os não desagradar.”¹³⁵ Nas estampas, não foram retratados as quantidades de índios do relato de Botelho. Na estampa 35 as peças de artilharia aparecem tampadas, o capelão volta a reaparecer na cena, todos estão armados. Por um lado, o relato demonstra a desconfiança de Botelho com relação aos índios, por outro a cena da estampa 35 transmite uma aparente “harmonia”. Na qual, o padre esta catequizando uma mulher, e o tenente sentado no

¹³³ *Idem*, p. 39.

¹³⁴ Legenda estampa 33. AMOROSO, Marta Rosa; et. all. (orgs). *Op. cit.*

¹³⁵ SAMPAIO e SOUSA, Afonso Botelho de. *Op. cit.*, p. 43.

meio de seis pequenos índios e às suas costas um “esperando ocasião de matá-lo”.¹³⁶ A legenda, também explica que os índios da outra margem do rio espera ocasião de matar a todos. O relato mostra que os índios levaram comidas que ofereciam insistentemente, descobriram posteriormente estar envenenada.

No canto direito, nota-se o capitão Carneiro chegando à cavalo ao acampamento para avisar sobre os mortos no campo. Um grupo de soldados, havia sido persuadidos pelos índios, tendo passado para a outra margem, foram atacados e assassinados (estampa 36), nas imagens apenas os militares morreram. Enquanto isso, no alojamento (estampa 37) os índios percebendo algo de diferente começam a se retirar. Antes que o capitão Carneiro relate a Botelho sobre a emboscada aos outros camaradas e o perigo que corriam.

Junto com o capitão Carneiro outros acompanharam para socorrer os mortos, o padre ouve a confissão de um que ainda estava vivo. No canto esquerdo no meio das folhagens um índio observa a ação dos luso-brasileiros. A estampa 39 se perdeu, as legendas explicam: “chegão os Camaradas mortos ao abarracamento conduzidos por outros em redes, e se sepultão todos em hum lugar onde se levantou uma cruz.”

Após o sepultamento recolhem todas as coisas e vão embora, a estampa 40 não transparece o clima de tensão e medo entre os militares. Botelho atribui a sobrevivência da tropa como um:

milagre com que permitiu, que no dia oito de janeiro de mil setecentos setenta e dous escapássemos da ferocidade dos índios, que com ciladas se tinham disposto atreçoadamente acabar a todos os cristãos, como fizeram sômente aos sete, que não poderam eximir-se de perecer nas garras daquelas indômitas feras.¹³⁷

2.2 Considerações sobre a narrativa

Percebemos, que a narrativa imagética é mais simplificada, do que o relato de Botelho. Alguns detalhes foram suprimidos e outros acrescentados. De modo geral, a narrativa de Miranda pretendeu mostrar que as ações dos luso-brasileiros foram as mais amistosas possíveis, sendo eles traídos pelos nativos que os atacaram. As legendas, ajudam a conduzir o leitor ao entendimento da ação, pois, são elas que dão uma certa

¹³⁶ Essa parte não consta no relato de Botelho.

¹³⁷ *Idem*, p.50.

dinamicidade as cenas estáticas. Apesar das duas narrativas terem estilos diferentes elas se completam. A chuva é um elemento que aparece no texto e não nas imagens. As estampas não representam as condições difíceis que a expedição enfrentou.

No grupo II de estampas, o primeiro encontro, no transcorrer de toda a cena, no canto de baixo lado esquerdo aparece uma pinha de araucária e na estampa 12 avista-se árvores com tronco largo e concentração de folhagem na copa, no canto superior esquerdo. A forma dessa árvore parece ser de uma araucária, mas não apresenta suas especificidades, provavelmente pelo pintor ter apenas ouvido, lido ou visto (através de pinturas), a descrição de como ela seria. A pinha¹³⁸ se parece um pouco mais com uma verdadeira, talvez, por ela ser um fruto que tenha sido levado à Portugal, onde o artista a conheceu. Tirando esses detalhes, a natureza que compõe as imagens não apresenta nenhuma especificidade que caracteriza a região além dos campos abertos.

No grupo III, índios vão até o arranchamento dos luso-brasileiros, o artista não pinta detalhes da vegetação da região, mas se preocupa em representar elementos que a caracterizam e estão presente no relato de Botelho. O que é comum nessas cenas são os alojamentos, o caminho no qual os índios estão chegando.

No grupo IV, o tenente coronel vai até o alojamento indígena, percebemos a identificação de um rio e um caminho que indicaram a proximidade dos dois alojamentos. Fisionomicamente os militares são parecidos, assim como os índios parecem ser todos iguais. Observa-se, em todas as estampas a representação dos luso-brasileiros de uniformes, barbas feitas.

Grupo V, retorno ao acampamento do rio Jordão, cortando toda a cena o rio é representado no centro das estampas. Alojamento melhor estruturado, dois cachões, um do lado direito outro do lado esquerdo. Arvore tronco alongado e copa em forma de cone. Cachorros, cavalos, homens uniformizados. 28 a imagem sofreu danificações devido ao tempo. Aparece uma árvore parecida com a folhagem de um coqueiro.

Grupo VI, caçadores encontram com os índios em campo aberto, presença de muitos cachorros. Grupo VII, muitos índios armados vão até o rancho do rio Jordão, assassinato de sete militares da expedição, retirada dos luso-brasileiros. Nessas imagens

¹³⁸ Em todo o relato existe a referência de que os luso-brasileiros encontraram pinhões nos Campos de Guarapuava. Nota-se porém, que a décima expedição chegou aos campos em dezembro de 1771, período que naturalmente conhecemos não ser a época desse fruto. Kok explica, que muitas dessas expedições foram planejadas as saídas em julho, pelo fruto ser encontrado em abundância na natureza, suprimindo as necessidades da tropa.

ressalta-se a desproporcionalidade em quantidade de índios “traíçoeiros”. Homens mortos com flechas os camaradas mortos estão desprovidos de armas, para dar mais dramaticidade.

Provavelmente, Miranda poder ser um artista acostumado a desenhar mapas e plantas. O artista pode não ter estado no Brasil, mas se preocupou em desenhar esquemáticamente o terreno, indicação de caminhos, os rios por onde passaram. Muitos elementos ajudam a colaborar a idéia de que Miranda não esteve no Brasil, como a representação dos índios e da araucária.

3. Produção iconográfica do século XVIII

No período em que as estampas de Miranda foram produzidas, as viagens filosóficas, também produziram registros do território da América portuguesa. A estampa era um modo de desenho comum na época, na qual, as legendas ajudavam o leitor a entender as imagens. No caso dos naturalistas indicavam, por exemplo, o desenvolvimento de uma planta.

No século XVIII, o governo português atuou patrocinando as viagens de cunho científico. Os participantes foram recrutados na academia de Coimbra, reformada em 1772.¹³⁹ As expedições científicas tinham por interesses conhecer toda a extensão das possessões portuguesas.¹⁴⁰ As viagens filosóficas faziam parte do projeto iluminista de *conhecer e descrever* o mundo. É um modelo de expedição científica do século XVIII, que tinha a pretensão em conhecer o mundo natural e também os habitantes autóctones.¹⁴¹ “Recolher e dar a conhecer o maior número possível de espécies tornara-se uma questão de orgulho nacional.”¹⁴² Manuais¹⁴³ para aprimorar as recolhas feitas pelos viajantes, utilitarista um dos características desses manuais.

Assim, podemos entender o contexto no qual as estampas foram produzidas. Alexandre Rodrigues Ferreira viajou pela Amazônia entre 1783 – 1792, é um dos viajantes do setecentos muito estudado.¹⁴⁴ Para a historiadora Ana Lúcia Barbalho as fontes produzidas pelos viajantes naturalistas - diários, relatórios e memórias - “registraram suas impressões, eles acabam por falar de si, de suas experiências e das relações que estabelecem com os territórios visitados.”¹⁴⁵ Nesse tipo de fonte transparece uma subjetividade. Ela entende que: “todo viajante, de uma forma ou de outra, fala de si.”¹⁴⁶ Através dessas fontes, nos aproximamos da visão de mundo desses emittentes. Assim, como julgamos nos aproximar da visão de Miranda acerca dos índios de Guarapuava.

¹³⁹ PEREIRA, Magnus R. de M. E CRUZ, Ana Lúcia R. B. *Op. cit.* p. 244.

¹⁴⁰ CRUZ, Ana Lucia R. B. As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. In: *História: Questões de Debates*, Curitiba, n. 36, 2002, p. 62.

¹⁴¹ PEREIRA, Magnus R. de M. E CRUZ, Ana Lúcia R. B. *Op. cit.*, p. 242.

¹⁴² Magnus, p. 242.

¹⁴³ *Breves instruções dos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos produtos e notícias pertencentes a história da natureza para formar um Museo Nacional*. Lisboa: Tipografia da Academia, 1781. Ver mais em: PEREIRA, Magnus R. de M. E CRUZ, Ana Lúcia R. B. *Op. cit.*

¹⁴⁴ CRUZ, Ana Lucia R. B. *Op. cit.*, p. 65.

¹⁴⁵ Barbalho, p. 65.

¹⁴⁶ Barbalho, p. 76.

Foi apenas após a Universidade de Coimbra reformada que cresceu o interesse pelas viagens de cunho científico. As viagens científicas do século XVIII não têm por objetivo o contato com as populações locais.¹⁴⁷

¹⁴⁷ Barbalho, p. 78.

CONCLUSÃO

A partir das discussões empreendidas nesse trabalho, percebemos, que as motivações de encomenda das estampas de Miranda estão vinculadas aos interesses de Afonso Botelho. Que por sua vez, também estão ligados ao governador da capitania de São Paulo, D. Luis Antônio (1765- 1775). As onze expedições militares, ao Tibagi, Ivaí e Guarapuava, foram financiadas pelo governo português, demandaram grandes recursos financeiros e humanos. D. Luís foi muito criticado em seu governo com relação à construção do forte do Iguatemi. Sendo um dos motivos, do fim de seu governo. Assim, como Botelho, ele também ao retornar à Portugal perdeu a sua patente militar, recebendo-a um ano antes de sua morte.¹⁴⁸

Desse modo, analisando as estampas em seu contexto, entendemos as motivações, tanto das seleções dos textos de Botelho quanto as imagens de Miranda. Percebemos, a partir dos documentos escritos, que não existe uma intenção prévia em se desenhar tais estampas. Não consta, nessas fontes, referência à Joaquim José de Miranda, nem a presença de um desenhista nas expedições.

As expedições militares diferiram muito das viagens filosóficas, empreendidas principalmente, a partir da década de 1770. Obrigatoriamente, contavam com a presença de um desenhista. Assim, Joaquim José de Miranda ao receber a encomenda em desenhar, o encontro entre índios e luso-brasileiros nos Campos de Guarapuava, as fez a partir de sua visão de mundo. Um índio com feições chinesas, corpo robusto e expressão enraivecida, para contar a versão do colonizador sobre as disputas sobre aquele território. O texto escrito por Botelho, definiu o indígena como bárbaro, inculto, monstro e fera, como forma de justificar o fato de não terem efetivamente ocupado aquele território.

O título que o tenente-coronel atribui aos seus textos, deve ser tomado para reflexão, “*Notícia da Conquista, e Descobrimento dos Sertões do Tibagi, na Capitania de São Paulo(...)*”. Os termos conquista e descobrimento, são recorrentes na historiografia¹⁴⁹ que versa sobre Guarapuava. As expedições militares são tomadas como um “mito fundador” da cidade. No entanto, como analisado nas fontes, os luso-brasileiros não se estabeleceram nesse território, a partir da década de 1770. Para essa

¹⁴⁸ KOK, Glória. *Op. cit.*

¹⁴⁹ BALHANA, Altiva, PINHEIRO MACHADO, Brasil e WESTPHALEN, Cecília. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969. Também os interpretes que essa historiografia influenciou, ver mais em LACHESKI, Edilane. *Op. cit.*

historiografia, existe uma continuidade entre as expedições de Botelho e a expedição de Diogo Pinto de Azevedo em 1810, que efetivamente expulsou os nativos. Existe um lapso de quarenta anos, que não deve ser ignorado, os contextos e motivações são diferentes. Quando consideramos essa continuidade, além de cometer anacronismos, apagamos os índios desse território e de sua história.

Deve-se ponderar aqui, que a maioria da bibliografia estudada sobre as expedições militares, usaram como fonte principal, o relatório em que Botelho resume e enumera as onze entradas aos sertões. Essa fonte deve ser tomada com muito cuidado, pois esse texto, também atua como um “modelador”, Botelho tem a intenção de moldar o que se “deve” conhecer sobre as expedições. O conjunto de fontes desse tema é muito vasto, cada expedição produziu diários, sem contar as cartas e outros documentos relacionados. Sendo o relatório de Botelho, um “facilitador” para quem inicia a pesquisa sobre o tema.

Ao questionar a idéia de “vazio demográfico” no Paraná, Mota procurou reescrever parte da história desse estado, incluindo a presença dos Kaingang. Tal presença fora negada nos discursos de uma classe nos anos 50, e também como demonstrou Lacheski, na segunda metade do século XX. Permanecendo, excluídos da sociedade, como percebemos no discurso do prefeito Fernando Ribas Carli, de Guarapuava em 2010, nas comemorações de duzentos anos de fundação da cidade deve ser repensado. Um discurso, no qual fez apologia à colonização, heroificação dos colonizadores, e uma negação da presença dos índios na história da cidade. Invocando palavras de progresso e futuro.

Em resposta, o prof. MS. Francisco Ferreira Junior da UNICENTRO, encaminhou uma carta à Rede Sul de Notícias, em nome do departamento de História da universidade, questionando as comemorações. Assim alertava:

Os historiadores e suas pesquisas não vão impedir as comemorações arbitrárias. Tampouco têm o poder para evitar os usos políticos do passado, sejam quais forem. Porém já dizia há algum tempo um dos mais reconhecidos dentro do ofício, Eric Hobsbawm, que a tarefa do historiador é lembrar as pessoas o que elas gostariam de ter esquecido. Mesmo raramente consultados de forma digna sobre as questões comemorativas, os historiadores existem, continuam pesquisando e estão de olho.¹⁵⁰

¹⁵⁰ Disponível em: <<http://www.redesuldenoticias.com.br/noticia.aspx?id=27185>> Acessado em: 31/07/2013.

O relatório de Botelho nos mostra, a grande quantidade de índios que viviam naquela região. De certa forma, o que retardou a dominação colonial naquele território foi a resistência indígena. O aparecimento das estampas de Miranda, a partir da década de 1980, causou espanto entre os pesquisadores. Não se conhecia até então desenhos semelhantes. Peter Burke considera, que as imagens tornam o passado mais vívido.

Como discutido, as imagens foram feitas por um luso com o objetivo de serem lidas por seus pares. Mas as estampas, também permitem a leitura de como os índios expulsaram os invasores de suas terras em 1771. Tais imagens possibilitam o acesso ao passado pelos próprios índios. As imagens não requerem um conhecimento prévio de um conjunto de signos, como as fontes escritas, exigem o conhecimento do alfabeto.

Selvino Kokaj, índio kaingang, postou um vídeo na internet¹⁵¹ no qual narra as estampas de Miranda em sua língua materna, sem legendas em português. Não sendo possível conhecer a sua versão sobre as estampas. Mas, percebemos com isso a importância dessas imagens para a História Indígena, tanto para os pesquisadores do tema como para os próprios índios. Os quais são ainda excluídos de uma política pública, que privilegia interesses econômicos ao invés de humanos.

É significativo encontrar em um livro didático do sétimo ano do ensino fundamental¹⁵², uma proposta de desenvolver as discussões em torno do processo de colonização, a partir das estampas de Miranda. O capítulo traz o sugestivo título de *A invenção da América*. Acreditamos que os livros didáticos são fundamentais para a formação de visão mais crítica da nossa história.

¹⁵¹ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Zgcstbz7MPU>> Acessado em 31/07/2013. Selvino Kókáj utiliza a versão das estampas impressas no livro BERN, Benteli Verlag. *Brasilien: entdeckung und Selbstentdeckung*. Junifestwochen: Zurich, 1992.

¹⁵² CARDOSO, Oldimar. *Tudo é História*. São Paulo: Ática, 2006.

ANEXO



Gravura 1 – Estampa 1 e 2: o Índio de todo nú (mesmo sem a folha que se oferece á vista no meyo do corpo, que se pôs no pintado por decencia) com arco, e flexas, como representa esta 1ª figura/ hum Índio com a camisa, e bordão, como se vê, e poucos apareção com esta fraca roupa. Gravura 1 a 37: guache e aquarela, século XVIII, 42,5 x 55 cm cada prancha.



Gravura 2 – Estampa 3 e 4: huma Índia como propriamente costumão andar, com a sua tanga. / a mesma Índia que se vestio com vestidos, que se lhe fizerão, ficando muito contente, e satisfeita.



Gravura 3 – Estampa 5: huma India com o pobre fato, sentada para se ver, a mesma India que em lugar da tanga se lhe deu baeta vermelha, chitas, contas, brincos, vidrilhos, e hum espelho, em o qual se está mirando, dizendo aos seus, que está muy guapa.



Gravura 4 – Estampa 6: hum Indio com 5 filhos tirando pinhão do Lago, chega a vêlo o Tenente Cascaes com os 5 cavaleiros, que ião descobrir o campo.



Gravura 5 – Estampa 7: o mesmo Tenente Cascaes, tirando da cabeça hum barrete vermelho, oferecendo-o ao Indio, este receoso de lhe pegar, e os Cavaleiros com os filhos, e a India mantendo-se no matto, olhando para trás a ver o que se passava com o marido e filhos.



Gravura 6 – Estampa 8: apeace o Tenente, poem o barrete na cabeça do Indio, que está muito pasmado, e os Cavaleiros com os filhos.



Gravura 7 – Estampa 9: dêspe o Tenente a chimarra vermelha, véstea ao Indio, e os mais Camaradas vestem os filhos, despiendo-se dos seus propios vestidos.



Gravura 8 – Estampa 10: vestido os filhos, e o Indio seu Pay, a May vendo do matto, dá o Tenente hum facção ao Indio o qual o estima muito.



Gravura 9 – Estampa 11: Está praticando o Tenente com o Indio, e mostrando para onde se achava o Tenente Coronel, elle promete vir com mais companheiros, e se despede.



Gravura 10 – Estampa 12: vai sahindo a mulher do mato, e o marido com os filhos vestidos, apontando para onde vão os Cavaleiros.



Gravura 11 – Estampa 13: aparecendo o Tenente Cascaes, e mais cavaleiros defronte do arranchamento onde estava o Tenente Coronel, e chegando os que andavão á casa.



Gravura 12 – Estampa 14: vem os Indios guiados pelo que avia sido encontrado, e vestido o dia antes, e o Tenente Coronel com a mais gente no arranchamento.



Gravura 13 – Estampa 15: chegando os Indios perto do arranchamento, muito receozos de chegar, mandou o Tenente Coronel recebelos por dois Camaradas dos que no dia antecedente os tinhão encontrado.



Gravura 14 – Estampa 16: chegão os Indios ao arranchamento, o Tenente Coronel abraça o dianteiro, os mais Camaradas fazem o mesmo, e os festejão muito.



Gravura 15 – Estampa 17: o Tenente Coronel vestindo a sua própria vestia a hum Indio, e os mais Camaradas, despindo as suas camizas, e mais vestidos para vestir outros.



Gravura 16 – Estampa 18: os Indios vestidos com a roupa, que de si pôde tirar a partida, vão dois chamar outros, que ficarão no mato.



Gravura 17 – Estampa 19: vem chegando mais Indios ao arranchamento, conduzidos pelos dois que já vestidos os forão chamar.



Gravura 18 – Estampa 20: Chegão os novos Indios ao arranchamento, tirão os Camaradas da sua rôpa quanto puderão até ficarem alguns sem camiza, e só com os ponches cubertos, e os vestem.



Gravura 19 - Estampa 21: despedindo-se os Índios, pedem ao Tenente Coronel va ao seu arranchamento, distante dali duas legoas, mostrão-lhe o caminho, e elle lhes promete la ir.



Gravura 20 - Estampa 22: parte o Tenente Coronel á arrancharia dos Índios, que tanto que o virão alvoracados o esperão.



Gravura 21 - Estampa 23: chegando o Tenente Coronel aos ranchos dos Índios, sayem dois a recebelo, e os mais ad'mirados.



Gravura 22 - Estampa 24: o Tenente Coronel, e mais camaradas apeados tratando com os Índios, e entrarão nos seus arranchamentos, onde tinham retirado mulheres, e filhos.



Gravura 23 - Estampa 25: dando os Indios ao Tenente Coronel das suas armas, hum bordão, hum arco, e flexas, e o mesmo aos mais Camaradas, e despedindo-ce.



Gravura 24 - Estampas 26: marchando o Tenente Coronel, e Companheiros com arcos, e flexas dos Indios e estes mostrando algumas couzas, que lhe deixou.



Gravura 25 - Estampa 27: chega o Tenente Coronel ao abarracamento, e os Camaradas, que la tinham ficado, pegão logo nos arcos, e flexas, e mais trastes dos Indios, e se ad'mirão muito.



Gravura 26 - Estampa 28: aparecem os Indios defronte do abarracamento, chegam ao rio e o vão passando, recebe-os o Tenente Coronel, e os mais Camaradas com muito gosto.



Gravura 27 - Estampa 29: manda o Tenente Coronel vestir os Indios, e outros vão passando o rio com suas mulheres, e filhos ás costas.



Gravura 28 – Estampa 30: vão-se retirando os Indios muito alegres, e ad'mirados da liberalidade, que se uza com elles, pellos brincos, e vestidos, que se lhe derão.



Gravura 29 - Estampa 31: Cassadores encontrando os Índios no campo, e conversando com elles.



Gravura 30 - Estampa 32: aparecem Índios da outra parte do rio, vão saber dois Camaradas o que que querem, e praticão largo tempo, e a gente do abarracamento observando o que se passa.



Gravura 31 - Estampa 33: vem os Indios em grande quantidade dispostos á traição, que tinham premeditado.



Gravura 32 - Estampa 34: convidão-se os Indios, veste-se huma India com vestidos de chita, que se lhe tinham preparado, e ás mais se lhe dão varias péssas.



Gravura 33 - Estampa 35: o Tenente Coronel assentado com seis Indios piquenos, e hum por detrás esperando oucazião de matalo, os Cappitae's, e outras pessoas com o Padre Cappellão com huma India ao pé cathequizando-a, e os Indios esperando oucazião de matar a todos.



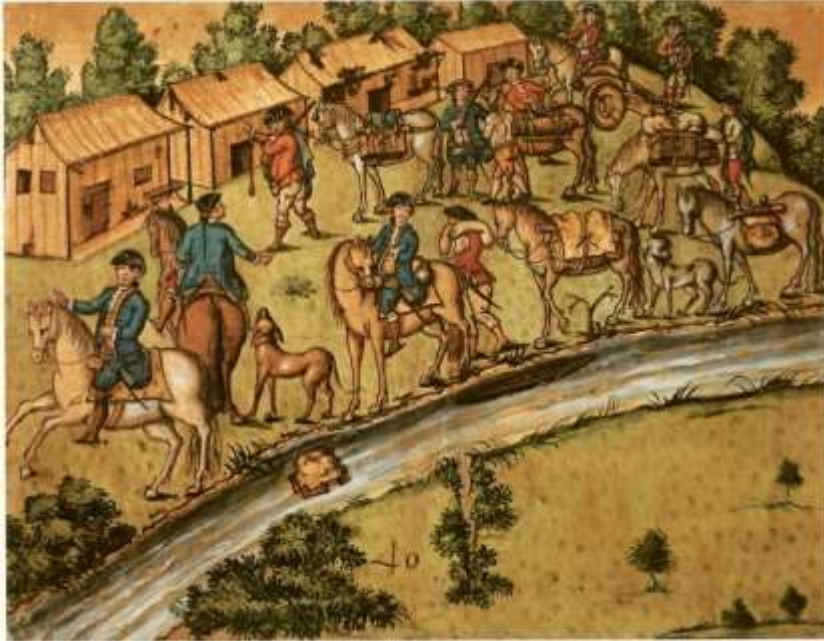
Gravura 34 - Estampa 36: o Cappitão Carneiro que passou alem do rio com outros Camaradas, ficando estes mortos, veyo fogindo.



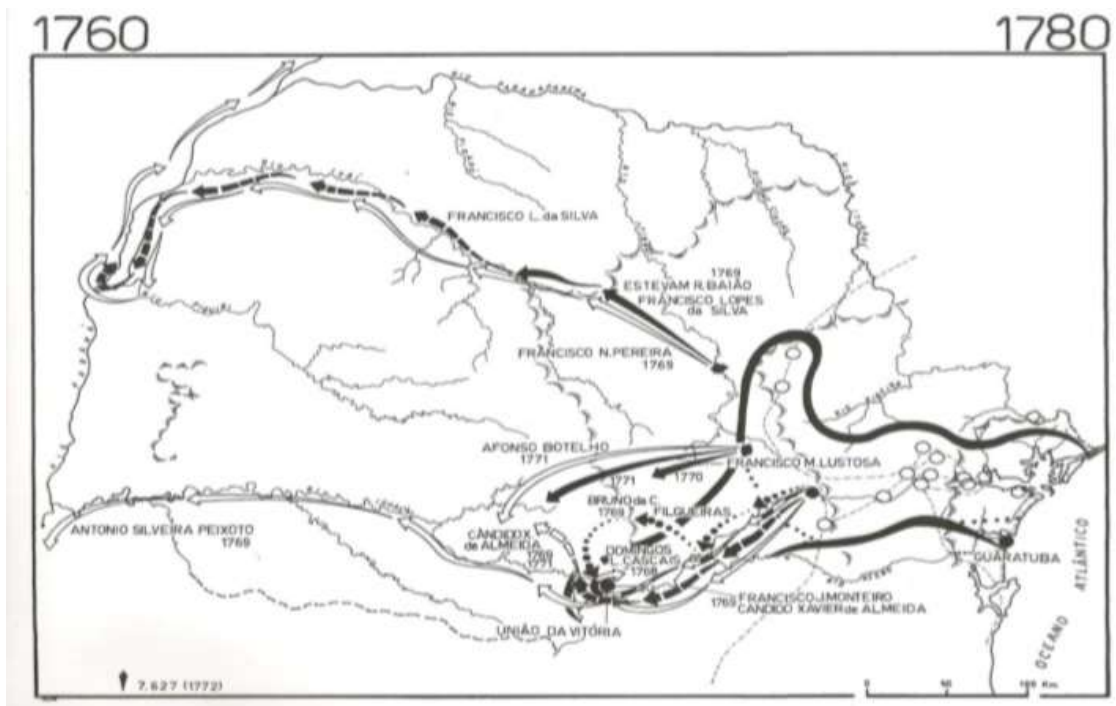
Gravura 35 - Estampa 37: chega o Cappitão Carneiro ao rio defronte do abarracamento, e retirão-se fogindo os Indios, antes que elle possa dar parte ao Tenente Coronel do perigo de que escapou, e da morte dos Camaradas.



Gravura 36 - Estampa 38: manda o Tenente Coronel ao Tenente Candido Xavier com huma partida de gente de cavallo procurar os Camaradas mortos, e o Padre Cappelão para confeçar hum, e mantendo-se estes nas redes, conduzirão-se ao abarracamento, para se lhes dar Sepultura; não aparecem ja Indios no Campo, e só alguns – muito ao longe que se vão metendo nos mattos.



Gravura 37 - Estampa 40: retirada do Campo com todo o trem.



Gravura 38 – Fonte adaptada de CARDOSO, Jayme Antonio. e WESTPHALEN, Cecília Maria. **Atlas histórico do Paraná**. Curitiba: Indústria Gráfica Projeto, 1981, por Maria Tereza Aoki.



Gravura 40 – Índio Mura inalando paricá, imagem adaptado de RAMINELLI, Ronald. Do conhecimento físico e moral dos povos: iconografia e taxionamia na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. In: *História, Ciência, Saúde. Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 969-92, 2001, p. 969 – 992, por Maria Tereza Aoki.



Gravura 41- Índio Caripuna, imagem adaptado de RAMINELLI, Ronald. Do conhecimento físico e moral dos povos: iconografia e taxionamia na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. In: *História, Ciência, Saúde. Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 969-92, 2001, p. 969 – 992, por Maria Tereza Aoki.

FONTES PRIMÁRIAS

AMOROSO, Marta Rosa; et. all. (orgs). *Do Contato ao Confronto: A conquista de Guarapuava no século XVIII*. São Paulo: Expomus, 2003.

SAMPAIO e SOUSA, Afonso Botelho de. “Notícia da Conquista e Descobrimto dos Sertões do Tibagí, na Capitania de São Paulo, no Governo do Governador e Capitão-General Dom Luis Antonio de Souza Botelho Mourão, Conforme às Ordens de Sua Majestade.” In: *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, volume 76, 1962.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALHANA, Altiva, PINHEIRO MACHADO, Brasil e WESTPHALEN, Cecília. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.

BELLOTTO, Heloísa L. Prefácio. In: DAMASCENO, Darci. *Catálogo Arquivo de Mateus*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 2000.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru: Edusc, 2004

CARNEIRO da CUNHA, Manuela (org.) *Historia dos índios no Brasil*. São Paul: Companhia das Letras/ FAPESP/ SM

CORRÊA, Dora Shellard. Descrições de paisagens: construindo vazios humanos e territórios indígenas na capitania de São Paulo ao final do século XVIII. In: *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 24, nº 39, p. 135 – 152, jan. 2008.

CRUZ, Ana Lucia R. B. As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. In: *História: Questões de Debates*, Curitiba, n. 36, 2002, p. 61 – 98.

FREITAS, Artur. História e imagem artística: por uma abordagem tríplice. *Estudos Históricos* – dossiê “História e Imagem”, Rio de Janeiro, nº 34, julho-dezembro de 2004.

GARCEZ, João Moreira Filho. Notas biográficas sobre Afonso Botelho de Sampaio e Sousa. In: AMOROSO, Marta Rosa; et. all. (orgs). *Do Contato ao Confronto: A conquista de Guarapuava no século XVIII*. São Paulo: Expomus, 2003.

GUIMARÃES, Natally Nobre. “Ciência e Dominação”: *A imagem do indígena amazônico pelo olhar luso-brasileiro, à luz das ciências ilustradas no viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira*. Curitiba, 2009. Monografia (Graduação em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

KOK, Glória. *O Sertão Itinerante: expedições da Capitania de São Paulo no Século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 2004.

LACHESKI, Edilane. *Guarapuava no Paraná : discurso, memória e identidade (1950-2000)*. Curitiba, 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, UFPR. 162 f.

MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal: Paradoxo do Iluminismo*. Ed. Paz e Terra.

MONTEIRO, John M., *Tupis, Tapuias e Historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo*. Tese de Livre-Docência, IFCH-Unicamp, 2001, 233p.

_____. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOTA, Lúcio Tadeu. *As guerras dos índios Kaingang. A história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769 – 1924)*. Maringá: Eduem, 1994.

Noelli, Francisco Silva, org. *Bibliografia Kaingang: referências sobre um povo jê do sul do Brasil*. Londrina: Editora UEL, 1998.

PEREIRA, Magnus R. de M. E CRUZ, Ana Lúcia R. B. O viajante instruído: os manuais portugueses do Iluminismo sobre métodos de recolher, preparar, remeter, e conservar produtos naturais. In: DORÉ, Andréa. e SANTOS, Antonio C. A. *Temas setecentistas: governos e populações no Império Português*. Curitiba: UFPR-SCHLA/Fundação Araucária, 2008, p. 240- 254.

SANTOS, Antônio César de Almeida. O desbravamento dos sertões da capitania de São Paulo e a presença portuguesa na porção meridional da América. In: [PEREIRA, Magnus Roberto de Mello, \(org.\)](#) *Plano para sustentar a posse da parte meridional da América portuguesa (1772)*. Curitiba : Aos Quatro Ventos : CEDOPE, 2003.

TOMMASINO, Kimiye, MOTA, Lúcio Tadeu, NOELLI, Francisco Silva (org.). *Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina: Eduel, 2004.

[PONTAROLO, Fabio](#). *Degredo interno e incorporação no Brasil meridional: trajetórias de degredados em Guarapuava, século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História. Defesa: Curitiba, 2007 150f.

RAMINELLI, Ronald. Do conhecimento físico e moral dos povos: iconografia e taxionamia na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. In: *História, Ciência, Saúde. Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 969-92, 2001, p. 969 - 992.

